

**A CAÇA**

NO

**BRAZIL**



**RIO DE JANEIRO**

**E. & H. LAEMMERT**



# MANUAL DO CAÇADOR





**A CAÇA NO BRAZIL ,**  
OU  
**MANUAL DO CAÇADOR .**

EM TODA A AMERICA TROPICAL .

ACOMPANHADO

DE UM GLOSSARIO DOS TERMOS USUAES DE CAÇA

POR

Um Brasileiro devoto de S. Huberto.

---

RIO DE JANEIRO

EM CASA DE E. & H. LAEMMERT,

Rua da Quitanda , 77

—  
1860

1795

Voluntas studium atque recens, neque solentium  
voluptatem, sed voluntissimum est, Gertimi-  
marumque bonisum etercitamentum.

Ilza. Thorent.

AO EX<sup>mo</sup> GENERAL  
BARÃO DE PORTO-ALEGRE

GRANDE DO IMPERIO, ETC.

---

All<sup>mo</sup> e Ex<sup>mo</sup> Sr.

O nome de V. E. posto á frente deste livro será para os nossos compatriotas uma recommendação do mesmo livro e do assumpto de que elle trata.

Na verdade, deve ser grande brasão para os nossos caçadores que V. E., digno representante vivo de tantas glorias marciaes deste povo nas campanhas do Sul em tres gerações, a saber : na de V. E., e nas dos generae, seu pai e avô, não só não desdenhe o exercicio da caça como seja delle grande honrador.

Nestas paginas encontrará além disso V. E. mais de uma vez informações que V. E. proprio subministrou, nas conversações que temos tido sobre este assumpto, em que, como em tantos outros, considero a V. E. juiz mais competente do que eu.

DE V. E.

Att.º V. e Cr.º

V.



Faca do matto, bússola, copo ara agua, estojo, botica, etc. . . . .	29 e	30
Traje, como se faz impermeavel . . . . .		31
<b>Capítulo V.</b> —Do uso (na caça do Brazil) de		
algumas outras armas . . . . .		34
Arco e flechas ib bodoque, chuço ou azagaia, laço e bola . . . . .	34 e	35
<b>Capítulo VI.</b> —Dos irracionaes auxiliares do		
caçador em geral . . . . .		37
Os elephantes na Asia e os bois na Africa, e certas aves de rapina na Europa . . . . .		38
Falcóaria, seus gastos, curiosidades etc . . . . .		39
Como tinha lugar a caça com aves falcoeiras. . . . .		40
Especies destas aves . . . . .		41
Noticia antiga de duas especies do Brazil. (Antiguidade desta caça.) . . . . .	42 e	43
<b>Capítulo VII.</b> —Dos cães de caça. . . . .		
Cães de mostra ou perdigueiros, de rasto e ven- tores, cães de corso: galgos, sabujos, libréos, cães de busca ou d'agua. . . . .		46
Dos paqueiros e outros. . . . .		47
Ensino dos cachorrinhos e seu tratamento . . . . .		48
<b>Capítulo VIII.</b> —Alguns conselhos ao caçador		
novel. . . . .		50

Dotes essenciaes a todo caçador. Modo de exercitar-se a atirar . . . . .	54
Regras para bem atirar. Preceitos a seguir . 55 e	56
Preceitos hygienicos . . . . .	57
<b>Capitulo IX.</b> —Da caça em geral . . . . .	59
Dos terrenos ou districtos venatorios. . . . .	60
Mezes vedados á caça. . . . .	61
Se ha dias mais convenientes . . . . .	62
Direcção ou rumo preferivel . . . . .	63
Conveniencia de algum pratico ou vaqueano. . . . .	64
<b>Capitulo X.</b> —Da caça das aves em particular. . . . .	65
§ 1.º Das perdizes. Distancia a que convém atirar. . . . .	66
Invenção do tiro no vôo . . . . .	67
§ 2.º De outras aves semelhantes ás perdizes. (Cadornas, macacos, capoeira, juós, etc) . . . . .	60
§ 3.º Dos jacús, motuns, etc. . . . .	69
§ 4.º Dos pombos, pombas e rôlas . . . . .	72
Como se caçam de espera . . . . .	73
§ 5.º Dos papagaios e periquitos. (Meios de caçar—suas especies etc.) . . . . .	74
§ 6.º Das aves aquaticas e do brejo. (Varias artes para caçar muitos patos e marrecas.) . . . . .	75

INDICE.

5

§ 7.º Das gallinhas, frangos d'agua, e outros ri- beirinhos . . . . .	78
Preferem-se os bicos rasteiros, narcejas ou agachadeiras . . . . .	79
§ 8.º Das garças . . . . .	79
Pede-se que as poupem os caçadores apanhan- do-as sem as matar etc. . . . .	80
§ 9.º Dos guarás, tucanos {etc. (Vão-se fazendo raros, e conviria não animar a sua caça) . . . . .	81
§ 10. Das emas. (Aconselha-se para ellas o uso da bola.) . . . . .	82
<b>Capítulo XI.</b> —Da caça dos animaes . . . . .	83
De esperas ou tucayas, com batidas e por meio de monterias. Consideram-se cada um destes casos	84
Preceitos a seguir nas batidas e monterias . . . . .	85
§ 1.º Das antas . . . . .	86
Como se perseguem. . . . .	87
Como se lhes atira, etc. . . . .	88 e 89
Descripção de uma caçada de anta. . . . .	90
§ 2.º Das pacas . . . . .	95
§ 3.º Das capivaras . . . . .	99

Suas especies. É animal estúpido e caça pouco estimada . . . . .	99
§ 4.º Dos veados . . . . .	100
Tres especies conhecidas no Brazil. . . . .	101
Anecdota succedida com a Imperatriz Leopoldina . . . . .	102
Como se caçam n'agua. . . . .	103
Caça-se á sombra de algum boi verdadeiro ou fantástico, ou alguma arvore. Podiam propagar-se entre nós em coutadas ou tapadas. . . . .	104
§ 5.º Dos porcos do matto . . . . .	105
Suas tres especies, queixadas, canellas ruivas e caitetés. Como se perseguem, quaes apresentam resistencia . . . . .	106 e 107
Frequencia das onças onde ha porcos do matto. . . . .	108
§ 6.º Das cotias . . . . .	109
§ 7.º Das raposas e semelhantes. . . . .	110
Faz-se a corso, e é quasi exclusiva aos Pernambuco . . . . .	110 a 111
Gambás, sarigués. . . . .	112
§ 8.º Dos monos, macacos e bogios . . . . .	112
Predilecção de alguns pelos guigós e juruparás. Repugnancia do A. aos semicidios. Mão em cumbuca . . . . .	113

---

---

# A CAÇA NO BRAZIL

---

## CAPITULO I

### PRIMOR DA CAÇA E OBSERVAÇÕES ACERCA DELLA NO BRAZIL.

O exercicio da caça, indispensavel ao selvagem para buscar o alimento, converte-se para o homem civilisado em uma distracção licita, com que dá tregoa aos cuidados e trabalhos do espirito, robustecendo o corpo e geralmente o coração. Os passeios ao campo, que ella occasiona, são hygienicos, e o modo com que nella se occupa o espirito do homem abastado e independente o desviam do ocio ignavo, que não poucas vezes conduz á molleza e outros vicios. A caça é o simulacro da guerra, e para muitos heróes foi della o tyrocinio; e a experiencia prova que geralmente os

caçadores, como os guerreiros, são soffredores, tolerantes e generosos. Foi seguramente por isso que Platão e Plinio<sup>o</sup> a aconselharam, e que Lycurgo a recommendou á juventude na sua republica. Além disso : nenhum exercicio dá ao homem melhor idéa da sua superioridade sobre todos os viventes, e por conseguinte nenhum é mais proprio a lhe infundir tão profundamente, o reconhecimento que devemos ao Creador, que nos dotou com a intelligencia que tudo avassalla.

Por outro lado é neste exercicio que os homens mais se nivelam uns aos outros: ficando expostos aos mesmos perigos, e vestindo quasi identico traje, só prevalece o verdadeiro merito, nesta profissão, fundado no saber caçar e no valor. Por isso na antiguidade foi a caça considerada complemento essencial da educação dos reis e senhores.

Desta apreciação do exercicio da caça se deve concluir que só damos tal nome á das aves e animaes, para que o homem tem de usar dos recursos da sua intelligencia, dos seus dotes physicos e todo o apuro dos seus sentidos, afim de vencer a força e a agilidade e a astucia dos irracionaes, que quer ter a gloria ou a satisfação

de atacar. Este exercicio póde ministrar noções á zoologia, e comprehende, digamos assim, a parte mais gentil desta sciencia; e da fileira dos caçadores sahiram observadores naturalistas da tempera de Azara, Audubon e Reid.

Compendiando aqui alguns preceitos deste bello exercicio, temos o fito não só de presentear o paiz com um (embora humilde) livrinho neste ramo de litteratura, hoje tão estimado em todos os paizes civilisados, como de consignar algumas lembranças sobre o assumpto, já no sentido de ver se chegamos a legislar a respeito desta parte da riqueza publica do paiz (que hoje nem sequer se chega a considerar que o é), já no de fazer quanto possivel prudentes e precavidos os caçadores noveis, sem coitudo os querer desanimar; tratando antes de os estimular a que se dediquem a esta nobre distracção, infelizmente tida entre nós, principalmente na côrte, como simples ociosidade viciosa; quando a caça serve a sustentar a mocidade na maior energia, que nem dá lugar, como dissemos, a pensar no vicio.

Claro está, que não consideramos objecto de caça os animaes uteis á humanidade, nem os

covardes ou ronzeiros. Entre os caçadores de prêz se deve reputar tão ignobil apontar a uma egua que paste no campo, como a um corvo que descarne um cadaver, a uma torpe preguiça, como a uma rôla arrulhadora que estivesse no ninho alimentando os tenros filhinhos. Mas como nem todos que podem dar um tiro são dotados de tanta nobreza d'alma, se tem reconhecido em todos os paizes a necessidade de providenciar-se a respeito de caça com leis restrictivas. Por falta de semelhantes leis já, em algumas provincias entre nós, se não encontra nem um só tamanduá bandeira, animal de grande proveito, não só por dar abraços mortaes ás onças, como porque é um exterminador de formigas e cupins. Em seu lugar, ou as mesmas onças passeiam infelizmente impunes, desancando e comendo os melhores bezeros das manadas, ou as raposas e os gambás crescem e multiplicam-se, á medida que diminuem nas áreas as galliubas.

Os nossos estadistas decidirão se ha modo de fazer-se uma lei a este respeito, estabelecendo premios e castigos, tal como a de que lhe apresentaremos neste livrinho um esboço. Ao menos enquanto tal lei ou outra semelhante não existe,

desejámos que se fundasse entre nós, com ramificação por todo o Imperio, uma irmandade (que poderia tomar S. Huberto por patrono) protectora dos cães e animaes uteis e perseguidora dos nocivos.

Entretanto para ir dando, quanto possivel, cabo dos animaes e passaros damninhos, fôra necessário que as municipalidades pudessem offerer premios aos que apresentassem certo numero de cabeças de tigres, sarigués, raposas, morcegos, cobras, etc., como se faz na Europa a respeito dos lobos e até dos pardaes. Se o fizessem, responderiamos pelo resultado no fim de alguns annos. No partido de Saragoça, na Hespanha, existe a villa de Lanaja, onde havia tantos lobos, que fez uma concordata com seis lugares vizinhos, em virtude da qual cada um destes paga oito reales vellon a quem mata um lobo grande (\*); e na Inglaterra, que hoje se vê completamente desinçada de lobos e outros animaes damninhos, sómente isso se conseguiu mediante grandes premios.

(\*) Veja-se o interessante *Tratado economico da cria das gallinhas*, de D. Francisco Dieste e Buil, impr. em Saragoça em 1781, pag. 206.

E vice-versa assim como desejáramos ver perseguidos os animaes e passaros damuinhos, quizeramos ver no codigo penal castigos para os que concorressem á destruição da propriedade publica do paiz, tinguijando a torto e a direito os rios; e matando ou os pelicanos *jaburís* e as ce-gouhas *tuyuyús*, perseguidoras das cobras, ou tambem os *tamanduás*, os *quandús* e alguns *tatús*, tão exterminadores das formigas e cupins, que, nem sabemos como não se tenham em chacaras bem tratados, da mesma fórma que nellas temos cães de fila para as guardar, ou que temos em nossas casas gatos para caçar os ratos. Tambem quizeramos ver não perseguidos, para que se não exterminem as especies, os motuns e as araras, os canindés e os proprios tocanos, fornecedores dessa linda plumagem tão prezada.

Nestas vistas introduzimos algumas lembranças no seguinte projecto de lei, que submettemos á correcção dos mais entendidos na materia.

Art. 1.º Todos os moradores do Brazil poderão caçar em terras não cercadas nem cultivadas, a mais de 300 braças dos povoados, com sujeição ao disposto nos seguintes artigos.

§ 1.º Consideram-se objecto de caça os animaes terrestres e volateis não domesticados, que não fôrem exceptuados no art. 2.º desta lei.

§ 2.º Reputar-se-hão não domesticados todos os que invadam terras alheias, causando estragos, embora tivessem dono.

Art. 2.º De ora em diante, ninguem poderá sem licença matar os animaes e aves tidos por uteis, para perseguir os insectos e os reptis nocivos, ou os morcegos, taes como :—(aqui a menção delles).

§ 1.º Estas licenças sómente poderão ser dadas pelos presidentes das provincias, para o districto\* de uma municipalidade designada, aos que necessitem de alguns exemplares para collecções zoologicas, pagando de custas á respectiva municipalidade dous mil réis por mez.

§ 2.º Os contraventores serão multados pelas mesmas municipalidades em sommas de cinco a dez mil réis.

Art. 3.º O producto das licenças e multas de que trata o artigo antecedente, e os seguintes, constituirá em cada municipalidade um fundo á custa do qual serão recompensados os caçadores

que se distingam na perseguição dos animaes nocivos.

Art. 4.º Cada uma das camaras municipaes do Imperio deverá marcar quatro mezes do anno, em que, por serem mais a proposito para a cria, será absolutamente vedado atirar aos animaes e aves que nomeadamente se designarem como artigos de caça, estabelecendo igualmente multas aos contraventores.

Art. 5.º Fica prohibido, sob pena de uma multa de dez mil réis, o uso de tinguijar as aguas para embebedar e matar o peixe.

§ Unico. Ficam exceptuadas da prohibição as aguas em que haja piranhas e outros peixes nocivos.

Art. 6.º Os transgressores do disposto nos artigos anteriores, além das multas municipaes em que incorrerão, ficarão considerados perpetradores de crime contra a propriedade publica, e sujeitos ás penas do art. 178 do codigo penal.

Quizera talvez alguém que dessemos aqui a descripção dos mondéos, fojos e ratoeiras para se apanharem os animaes ; bem como das redes,

tramalhos, aranhões, costellas, boizes, esparrelas, ichões, bretes, albardilhas, arapucas, juquiás e tantas outras armadilhas.—De propósito o não faremos: todas essas artimanhas são mais proprias do avido e interessado destruidor de caça, que em França denominam *braconnier* e as leis perseguem, do que do nobre caçador.





---

## CAPITULO II

### NOTICIA DE ALGUNS LIVROS CURIOSOS SOBRE CAÇA.

A litteratura venatoria offerece não poucos encantos, e foi cultivada por grandes escriptores, desde o tempo de Xenofonte. A' ella se votaram não só reis e imperadores, como até um successor de S. Pedro, o papa Pio II (*Aeneas Silvius*). — Do imperador Frederico II foi publicado, infelizmente incompleto (em 1576), com addições do rei Manfredo, seu filho, um codice *De arte venandi cum avibus*. — Tardif em 1492 attribuiu parte de um livro que publicou sobre a caça ao rei Danchus. De todo authenticas como de tres reis, a saber de Castella, de Portugal e França, são tres obras conhecidas ácerca da caça. A primeira sobre a monteria, publicada por Ar-

gote de Molina, em 1582, julgando-a escripta por Alonso XI. é hoje pelos melhores criticos attribuida ao seu predecessor Alonso o Sabio. Sabido é como D. João I de Portugal deixou escripto outro livro sobre o mesmo assumpto, e no Porto (em mãos do Sr. Monteiro) vimos nós um transumpto d'elle tirado de um codice que existia na bibliotheca de Monforte de Lemus. — A *Chasse Royale* de Carlos IX de França, publicada em 1625, é hoje mais conhecida pelas novas edições della recentemente feitas em França.

Todos estes escriptos e seus autores fazem a apologia da caça. Além destas obras não faltam outras sobre o assumpto, não só em hespanhol, italiano e francez, como em latim, inguez, allemão, etc., de tal modo que não exageramos dizendo que hoje em dia uma bibliotheca especial só de livros de caça poderia constar de mais de mil volumes.

Na impossibilidade de dar de todos noticia, nos limitaremos a apresentar aqui a nota de alguns mais conhecidos, á posse dos quaes se poderá circumscrever um caçador que, na formação de uma bibliotheca de caça, tenha mais em vista possuir textos de agradavel leitura da arte cynegetica que alfarrabios de alto preço biblio-

graphico e quasi nenhum proveito real. Em primeiro lugar um caçador brasileiro deve tratar de que não falte na sua livraria o *Leal Conselheiro* d'el-rei D. Duarte, e principalmente a *Arte da Caça* de Diogo Fernandes Ferreira (Lisboa 1616), livro este que muito conviria reimprimir-se, principalmente quando entre nós se trate de dar impulso á antiga caça com falcões.

E a respeito deste livro diremos que, segundo se deprehende do proprio texto, elle foi escripto em 1614, embora só dous annos depois fosse dado ao prélo, e que, segundo tambem do texto se vê, o autor teve presente na composição do seu livro o tratado da caça do falcão, escripto em castelhanõ por Pero Lopez d'Ayala.

Seguem-se : de Hespanha a antiga *Arte de ballesteria y monteria* de Alonso Martinez de Espinar, e o moderno *Cazador gallego con escopeta y perro* de D. Froylan ; de Italia excellentes obras de Eugenio Raimondi ; de França a antiga e mui acreditada *Vénerie de Jacques de Fouilloux*, e os modernos elegantissimos escriptos (*La Chasse à tir, Les récits d'un vieux chasseur, etc.*) do sympathico escriptor Joseph La Vallée ; de Inglaterra possuimos em nossa livraria a *Cynegetica* de Blane (1788), e os dous curiosos tratados so-

bre o manejo do arco e frechas de Asckâm (*Toxophilus*, 1589) e Marckam (1634). — Um livro ha em inglez sobre caça, chamado de *S. Alban*, que na 1ª edição de 1486 vale mais de cem libras esterlinas. — Em allemão é mais conhecida a obra de Reidinger (Augsburg, 1729), e em russo o excellente tratado moderno sobre a caça com espingarda por Aksakoff. — Entretanto os que desejem a tal respeito noções de outros muitos livros podem consultar a obra de Kreysig (\*) (Georg. Christoph,) e tambem Brunet. T. 5º, pag. 224, e o Catalogo de Huzard, T. 2º, pags. 446 a 471.

(\*) *Biblioth. Scriptorum Venaticorum*, Altenburg, 1750.



---

## CAPITULO III

### ESCOLHA DA ESPINGARDA.

A rainha das armas, em nossos dias, para todo o caçador é uma boa espingarda de dous canos e de espoleta fulminante: pois sem chegar a ser pesada dá todas as garantias ao caçador. Fazem-as muito boas em Inglaterra, em França, na Allemanha e tambem na Belgica. Estas ultimas sahem geralmente mais baratas; mas por isso mesmo, nem sempre se consideram á prova, já para a maior dura, já contra algum sinistro. Assim, prudente é não ter toda a fé n'uma arma só por vir de tal ou tal paiz: nem por ser de cano *torcido*, *cintado*, *adamascado*, nem por nada, senão pelo que a arma é em si mesma (\*). \*Caçadores ha que dão tudo por um

(\*) A tal respeito poderão os curiosos consultar com

cano antigo e de marca acreditada, até porque o proprio uso de tantos annos lhe deve servir de garantia.

No Brazil não faltam caçadores que preferem a tudo as antigas *lazarinas*. Porém também ás vezes succede que durante esses muitos annos o cano se tem enferrujado, e póde estourar quando menos se pense. O verdadeiro é que cada qual trate de escolher arma, cujo peso, pelo reforço do cano, seja proporcionado ás suas forças, e cuja coronha tenha sido cortada de modo que melhor se adapte á sua estatura, isto é, ao tamanho de seus braços e ao modo como aponta. O cano deve ser o mais igual possível em espessura, e não tão ligeiro que a falta de metal possa ser arriscada, nem tão pesado que incommode o leva-lo.

As molas devem ser suaves, mas tersas e todos os metaes bem ajustados entre si e na coronha: preferimos esta não envernizada: e tanto a guar-

vantagem uma obra especial, v. g. o livro de H. Mangeot—*Traité du fusil de Chasse*—, Bruxelles, 1851.

Sobre os canos antigos portuguezes póde consultar-se a obra de João Rodrigues, intitulada *Espingarda Perfeita*, impressa em Lisboa em 1718, com 23 estampas; e sobre os antigos hespanhóes a mencionada obra de Espinar.

nição por baixo della como o guardamato é melhor que sejam de páo d'ar ou *massinha* (em vez de ferro, que enferruja) ou mesmo de metal branco. Mas sobretudo seja a espingarda de *boas obras*. Estas só pelas provas se poderáõ conhecer; portanto antes dar um pouco mais, mas ter o direito de escolher a vossa arma entre varias de que poderdes dispôr, e que vos deixem experimentar: e em geral não descansareis de todo na força de resistencia de qualquer, emquanto a não houverdes submettido a provas feitas com as cargas mais fortes. Algumas experiencias feitas ao alvo são sempre necessarias, para bem conhecerdes as *manhas* da vossa arma, e até o sitio em que a deveis suster na pontaria com a mão esquerda; para poderdes graduar as cargas; e para que o equilibrio se guarde no tiro, e a arma não afocinhe nem dê coice; e para que saibais decidir-vos na preferencia dos tacos, e segundo as distancias elevar ou baixar as pontarias, etc.

Quanto aos canos, sabido é que se fabricam hoje de *cintas de ferro* em espiral (empregando-se ás vezes para estas cannelões de ferraduras velhas), outros *adamascados*, já á franceza, já á ingleza (*moirés*), e outros finalmente de chapas soldadas e torcidas depois. Estes ultimos são os

mais communs, por serem os mais facéis. Os de arame de ferro têm-se abandonado.

Não falta quem aconselhe, para a caça, as espingardas mais modernas, que se carregam pela culatra, quer de dous canos dos systemas de Pauly, de Robert, de Pottel e outros, quer de mais canos, semelhantes ás pistolas *revolvers* de Cott, de Lefauchaux, de Beringer ou de Lepage. O atirador experimentado conhecedor de todas estas armas que prefira a que quizer. Ao caçador novel só diremos, que depois de termos visto armas de todos estes systemas nos contentamos com a nossa espingarda de dous canos e de vareta; havendo entretanto no cinturão, para a propria defesa da caça grossa, uma pequena pistolinha *revolver* do systema de Mariette, que dá seis tiros seguidos sem ter que engatilhar.



---

---

## CAPITULO IV

### DOS UTENSILIOS OU AVIOS DO CAÇADOR COM ARMA DE FOGO.

Claro está que se o caçador leva arma de fogo os seus principaes aviamentos são: polvora, chumbo e fulminantes.

A melhor polvora é geralmente a mais fina, catarolada, de grão igual, mas anguloso, secca, sem pó, não sujando os dedos ao toca-la, nem esmigalhando-se os grãos ao aperta-la; e geralmente se tem por melhor a que, sendo incendiada sobre um papel, não o queima, nem o deixa sujo. Todos sabem que é um composto de salitre, enxofre e carvão; mas a ninguem aconselhamos que se metta a fazê-la só para seu uso particular, sem machinas, sobretudo para prensa-la e granular-la.

O chumbo, desde a bala até a escumilha (segundo a caça a que se vai), deve ser bem redondo e de grão igual.

As capsulas fulminantes raiadas são geralmente preferidas. O cuidado essencial que se deve ter ao compra-las é que não esteja humido o mixto fulminante, o que se conhece quando começa a escurecer. Cuidado que ajustem bem no ouvido.

A polvora se leva em polvorinhos, e os melhores são os transparentes de chifre, que se fazem muito aperfeiçoados, com graduação para augmentar ou diminuir as cargas.

O chumbo leva-se de ordinario em uma bolsa de couro, tendo varias divisões parâllelas para os differentes tamanhos da munição, cruzada a tiracol do lado opposto, e cujo bocal é a medida da carga.

O polvorinho pôde-se levar suspendido ao cinturão, em que se leve a faca de mato. A bolsa do chumbo vai cruzada no peito, com o embornal destinado para trazer a caça, que deve ter dous saccos, um impermeavel, para quando a caça sangra; e o outro de réde para passar a elle, tendo-a arejada, se são certas aves.

A faca de mato seria para desejar que se pu-

desse, em caso de necessidade, adaptar ao fuzil, como bayoneta.

As capsulas fulminantes devem levar-se em mais de um lugar, nas algibeiras ou bolsa do cinturão, para que se tenham sempre á mão. Os bons caçadores rejeitam o uso da caixa da culatra para as levar, a não ser como em deposito para sortir o bolso, d'onde devem servir-se para carregar.

No mato, e principalmente nas planicies, convém que os caçadores estejam munidos de uma bussola de algibeira, para não se perderem, e passarem pelo menos uma noite ao sereno. Onde ha correços não é tão perigoso o perder-se, pois facil é seguir com as aguas até encontrar gente.

Deve mais o caçador levar um copo de couro ou de gutapercha, para beber, e um pequeno estojo contendo uma lanceta, uma tesoura, um pedaço de encerado; e não esqueçam uns frasquinhos, com um pouco de oleo de copaiba, azeite doce, vinagre forte, arnica, sal, nitrato de prata, ammoniaco (para caso de mordedura de cobra). Os Francezes vendem umas boticas pequeninas chamadas de caçador, em fórma e dimensões de carteira de bilhetes de visita, que no seu tamanho parece incrível como são tão completas. Uma tem um

amigo nosso que contém frascos de ether sulphurico, ammoniaco e aloes, além de um cartuxo de alumina em pó (que contava substituir por manteiga de antimonio), e um pedaço de encerado de golpes, outro de calos; e além disso sua lanceta e tesoura.

Leve tambem, se pudér, um coto de vela, e em todo caso uma caixa de metal com phosphoros, e um frasco de aguardente.

Os batedores devem levar fouces roçadoras, e uma enxada para ajudar a desentocar qualquer paca que se encontre.

Mas em geral todo o caçador deve prevenir-se de todos estes avios com a modestia que lhe cumpre tambem guardar no traje; e se pudér o melhor será que de nada saibam os outros, senão na occasião da necessidade.

Neste proposito tambem não somos partidarios de trajes especiaes para caça que dêem muito em vista, nem que se tratasse de não faltar ás etiquetas requeridas aos que assistem ás caçadas imperiaes em Compiègne. Não se vos repita o caso que se deu uma vez n'uma republica vizinha; que foram varios caçadores ao campo a caçar, vestidos de vermelho, e o resultado foi virem contra elles os touros, e terem que fugir. O traje deve

ser folgado, de fazenda forte, mas que não es- quente muito, e sendo possível todo de côr pardo- escura, para não espantar a caça. A lona é no nosso clima muito recommendavel, pois resiste no mato aos espinhos. As botas mineiras bem altas, de veado, são muito estimadas ; mas nós preferi- mo-las de bezerro engordurado e engraxado de negro, que se faz de todo impermeavel, com uma composição de cêra, azeite, sebo e therebentina.

A côr verde que alguns adoptam, para não se- rem tão vistos pela caça, confundindo-se com as folhas, faz sobre ellas destacar muito o fuzil e os avios da caça : e o encarnado, usado pelos ingle- zes em suas batidas e monterias, só é necessario quando a gente é tanta que seja necessario assim distingui-la.

Alguns recommendam que a roupa se faça im- permeavel applicando um caldo da seguinte com- posição: dissolvam-se 15 grammas de cola de peixe em um litro de agua, ajuntem-se 30 grammas de alumina dissolvida em um litro de agua fervente e outros 30 de sabão branco desfeito em meio li- tro de agua e filtrado ; ferva-se tudo, applique-se com uma escova á roupa que se quer impermea- vel, e depois de a fazer seccar escove-se e lave-se com um panno molhado.

Crêmos, porém, que, para o nosso clima, mais vale não usar de impermeavel senão o calçado ; e, para o caso de alguma chuva mais forte, é melhor levar-se de precaução um ligeiro paletó de gomma-elastica.



---

## CAPITULO V

### DO USO NA CAÇA DO BRAZIL DE ALGUMAS OUTRAS ARMAS.

Ao lado de uma boa espingarda e de um bom *revolver* ficam a perder de vista todas e quaesquer armas ; pois umas, taes como facas, etc., apenas se podem considerar como utensilios ou avios, e outras taes como arco de frecha e de bodoque, abandonadas já de tódo na Europa, são apenas no Brazil usadas, este, pelos que não têm meios para gastar em polvora e chumbo ; aquelle pelos indios selvagens, que desde a infancia unicamente a elle se habituaram. Os arcos dos indios são de maior altura que um homem, firmam-nos para atirar no pé esquerdo, entre o dedo grande e o immediato ; de cujo uso provém que até muitos já nascem com elles separados ; e as frechas alcançam

certeira a grandes distancias, e fizega-se até com ellas na agua.

O arco de bodoque, chamado tambem simplesmente *bodoque* (dando á arma o nome do pelouro) é o resto de uma bésta simples, atirando balas de barro em vez de virotes: consiste em um arco mais pequeno, mais fino nos extremos, com chanfros, d'onde partem dous fios, que no meio se juntam em uma pequene rêde; onde se põe a bala ou pelouro para disparar quando se entesa o arco, que no meio tem uma empunhadura de fio por onde o sustém a mão esquerda. No sertão do Brazil ainda é usado; e lembra-nos que na idade de poucos annos alguns taperás matámos com este instrumento, havendo aliás em casa 'crioulos da mesma idade que muito melhor d'elle usavam.

O chuço ou azagaia, ás vezes com forquilha, é arma quasi primitiva e bem conhecida.

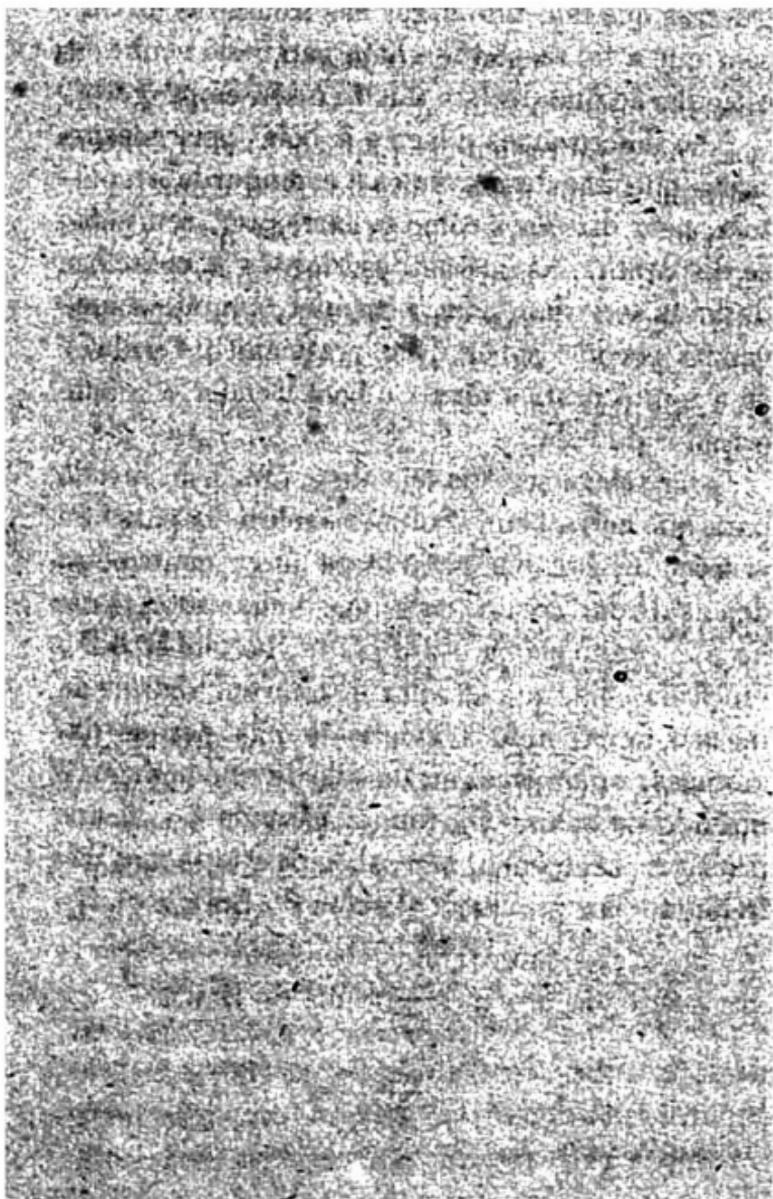
Servem-se tambem alguns caçadores do *laço* e da *bola*: e ainda que não faltará quem pretenda considerar estes modos de caçar como mais pertencentes ao de armadilhas ou mondéos, nós crêmos que devem considerar-se como dignissimos, quando o seu uso exige tanta destreza dos que o manejam, e quando até têm sido admittidos e considerados como armas *offensivas*, em algumas

guerras que têm tido lugar nas fronteiras do Sul, sem que a tal respeito se haja pactuado nenhuma estipulação que declare illicito o seu emprego.

Não descrevêmos o laço e a bola ; pela mesma razão que não descrevêmos a espingarda e a pistola, nem dissemos como se carregam, nem como se disparam. As nossas descripções e conselhos de nada serviriam para o caçador, quando começamos por não saber disso praticamente nada, e só a muita pratica fórma o bom laçador e o bom atirador de bola.

O laço deve ser suave e de couro bem sovado para que corra bem. Solta-se sobre as patas ou pescoço da rez, em virtude da força centripeta, depois de dar com elle algumas voltas sobre a cabeça, ficando com a outra ponta, no que se differença da bola, que se solta de todo em virtude da mesma força, indo a enlear-se nas pernas dos animaes, ou da ema, ou mesmo de um homem, e fazendo-os cahir. Da funda, baseada no mesmo principio mechanico, não sabemos que se faça uso frequente em provincia alguma do Brazil.





---

## CAPITULO VI

### DÓS IRRACIONAES AUXILIARES DO CAÇADOR EM GERAL.

#### § 1.º

#### **Do antigo modo de caçar com aves de rapina em particular.**

O exercicio de caça seria demasiado monotono se o caçador não podesse nelle fazer uso de nada mais do que de suas forças pessoaes, com os recursos das armas e competentes utensilios. Assim como a industria humana sabe prevalecer-se e sacar proveito dos instinctos de certos animaes e aves, e assim nas chacaras temos para guardal-as cães de fila, e nas casas gatos para limpal-as dos ratos, e nas áreas os jacamys ventriloquos e saracuras, para comerem as baratas e insectos ; da mesma sorte o caçador, segundo as épocas e o

paiz, tem sabido tirar partido de uns animaes e aves para caçar outros.

Nas caçadas dos tigres servem-se os Asiaticos do elephante. Os negros d'Africa perseguem ás vezes o leão montados em bois, que conduzem por meio de uns freios adaptados ás ventas. Nas antigas monterias na Europa era o cavallo um grande auxiliar da caça, e ainda em nossos dias delle nos servimos com vantagem em certas caçadas em campo descoberto. Em alguns paizes da Europa, onde a lei o não véda, emprega-se o furão para perseguir os coelhos e fazê-los sahir das tocas e madrigueiras.

Quanto ás aves, sabido é como das de rapina, adestradas convenientemente, se chegou na idade média a fazer quasi exclusivo uso, principalmente para a caça do ar, segundo nos consta dos livros que nos restam desta arte, que chamavam da *altaneria* ou *citraria* (por corrupção de *acciptraria*). Por estes livros sabemos hoje como se adestravam essas aves, como se *deceinavam* cada vez que disso careciam, como se alimentavam e tratavam, e finalmente como se effectuavam as caçadas, que começaram a ser postas em olvido com o aperfeiçoamento e frequente uso das espingardas nos fins do seculo XVI, de modo

que já em 1614 havia quem (\*) lamentava esse olvido. E se hoje em dia ainda em alguma paragem da Europa, como em Nimegue, se effectuam taes caçadas, faz-se isso mais por variar o prazer com a reminiscencia desta antigualha, que custa aos aristocraticos socios bem caro; visto que, além dos gastos com os cães, ha que acudir á compra das aves, seu sustento com carne de outras aves, sua educação, cura, etc. Em Portugal, quando a real familia passou ao Brazil, ainda se gastava com a falcoaria não pouco, pois esta despeza nos annos de 1804 a 1806 montou a treze contos de réis fortes.

Empregavam-se nesta caça não só os falcões e açores, como os pequenos gaviões, esmerilhões e até ogéas; e, segundo eram ensinados, assim preavam com ousadia *ralés*, mais ou menos corpulentas, nas quaes antes se haviam *treinado* ou *cevado*. Por via de regra a *ralé* mais affeiçãoada do falcão era a pomba, do açor a perdiz, do gavião o cartaxo e do esmerilhão a cotovia; mas começando por cevar em um destes passáros era facil ir *treinando* em outros.

(\*) Diogo Fernandes Ferreira, *Arte da Caça da Altanería*, escripta em 1614 e impressa em 1616.

Levavam-se cada uma das aves falcoeirias sobre a mão esquerda (prevenida de uma luva grossa) meio fechada, atadas pelos sancos com umas correias chamadas *piós*, tendo cascadeis em outras, que chamavam *malhos*, e coberta a cabeça com uma especie de capuz mais ou menos fechado, feito de pellica dura, que se denominava *caparão*, para não se irem debatendo com tudo quanto fossem encontrado; o braço ist estendido. Encontrada a caça, tirava-se o *caparão* á ave que melhor *treinada* se cria nella, aproximava-se da preza, ao favor de alguma moita, e levantando a mão e impulsando-a, soltava-se para que cumprisse o seu dever.

A temível aggressora voava contra a victima, que logo reconhecia, buscando-a e golpeando-a, e aferrada nella e sem a soltar, acabavam por vir juntas ao chão, onde o caçador corria em soccorro da vencedora, a quem recompensava dando a comer um pedaço do coração e vermelhos da victima apossada, ou fazendo-lhe papo de alguma galinha, se a preza se queria conservar inteira, ou se a sua carne não era conveniente. Se a *ave sopesava*, isto é, se fugia com a caça, era ás vezes necessario chama-la e attrahi-la com o *rol* ou negaça, onde a haviam habituado a comer a carne de galinha, etc.

Das aguias não se fazia uso, quer em virtude da sua excessiva corpulencia e força, que podiam pôr em risco a vida do caçador, quer por via do seu proprio modo de prear, cahindo de chofre sobre a preza. Entre as aves de que se fazia uso preferiam-se geralmente aos machos as femeas; ou, empregando a linguagem culta desta caça, nem que inventada para não offender a susceptibilidade das damas, aos *terçós* as *primas*.

Do Brazil foram mandados em 1608 dous açores ao marquez de Castel-Rodrigo, maiores que os da Europa, rosto comprido, cabeça proporcionalmente pequena, pernaltos, peito branco, e com pennas compridas em direito dos olhos a modo de cónos; e um delles foi enviado á côrte.

Contavam-se sete generos de falcões, conhecidos pelos nomes de nebris, gerifaltes, bafaris, bornis, tagarotes, alfanques, sacres e aletos. Destes eram mais nobres os nebris, que vinham do Norte, conhecidos por bons garceiros, bem como os gerifaltes (*Gyrfalch*). Os cinco seguintes, bafaris, bornis, tagarotes, alfanques e sacres são pela etymologia arabes; porém os bafaris são do Mediterraneo; eram bons grueiros e perdigueiros.

No seu emprego eram melhores

« O sacre com chuva,  
O gerifalte com vento,  
O nebri com bom tempo. »

Os bornis da Europa central tinham algumas boas prendas de uns e outros. Os aletos iam da America, e eram considerados dos mais a proposito para toda a sorte de caça.

« O licenciado Philippe Butaca Henriques, natural da cidade de Evora (escreve um autor conhecido (\*) que temos presente) me affirmou que vira no Porto do Caluo e rio das Pedras, na capitania de Pernambuco, onde elle veyo dar á costa com hũa embarcação vindo de Angôla o anno de 605. Esteve aly trinta dias, & neste tempo por toda aquella costa vio estes passaros, que erão mayores que gaviães primas, & menores que falcões, & notou delles serem grandissimos voadores, tanto, que a vista os não podia alcançar para notar delles tudo, muitas vezes os vio tomar papagayos e outras aves, & no caçar serem muy porfiados, & perseguillas mostrando muito animo, & se mettião com os passaros

(\*) Diogo Fernandes Ferreira, fl. 45 ✕ no liv. cit.

per dentro das arvores, & não descançauão até os não levarem nas vnhas, & que desejou de os trazer a este Reyno, por entender que os Principes & senhores os terião em estima; quem os quizer dellá... enterecerá nisso muito dinheiro. »

Este facto, e não menos outro de um gerifalte branco que sabemos (\*) foi levado da costa do Brazil ha mais de tres seculos ao infante D. Luiz, e o exemplo que nos dão todos os dias nos nossos caminhos do sertão os caracarás, talvez venham a animar algum dia entre os nossos caçadores a organização de uma sociedade para ensaiar tambem a introducção desta caça no Brazil, realisando as esperanças do dito autor quando dizia: « Não duvido que ainda haja cubiçosos que tornem a renovar esta caça.... que ainda vivem.... muitos senhores illustres... e... não duvido tornem a este joguo, e o levantem do esquecimento em que está posto. »

As duas especies que a nosso ver poderiam os caçadores no Brazil ensaiar de *treinar* seriam os *caracarás* e *queriqueris*. Estes ultimos, ainda que pequenos, têm grande affeição ás aves e são muitissimo valentes.

(\*) Idem, fl. 26 e 101 v.

Parece que os Gregos e Romanos ignoravam esta maneira de caçar, aliás depois na idade média mui cultivada na Palestina e em Chipre. Ha probabilidade de que fosse na Europa introduzida pela invasão dos Barbaros, trazendo-a comsigo do Ponto e Thracia, onde, por certas palavras de Aristoteles, se crê que era no seu tempo conhecida e empregada.

---

---

---

## CAPITULO VII

### DOS CÃES DE CAÇA.

Hoje em dia nenhum vivente irracional é de mais utilidade ao caçador do que o fiel companheiro proverbial do homem, nas suas variadas especies, designadas pelo nome generico de *cães de caça*; entretanto de todas as especies de cães se póde, por meio da educação e ensino, tirar partido para aquella caça a que mais os tiver ageitado a natureza; pois fóra absurdo querer destinar a perseguir veados um cão pesado e de pernas curtas, ou a seguir as pacas, na terra e na agua, e a metter-se pelas suas tocas, um grande rafeiro ou mastim. Fundados nesta verdade os caçadores distinguem principalmente os cães de caça, segundo aquella para que, em virtude dos seus dotes e propensões naturaes, os destinam com mais vantagens do que outros: assim chamam

*cães de mostra* ou *perdigueiros* os que especialmente se votam á caça das perdizes. Estes são de *rasto* (setters) quando seguem a perdiz com o focinho no chão, e *ventores* (*pointers*) quando farejam de alto, que são os mais estimados.

Igualmente denominam em geral *cães de corso* os que seguem os veados, antas, pacas, etc. Destes ha *galgos*, raça pura dos melhores corredores, proprios para seguir os veados campeiros; *sabujos*, procedentes de galgos com perdigueiros, e a que pertencem os que entre nós se chamam *readeiros*; *libréus*, que são os atravessados de galgos com os *alãos* ou *cães de fila*, que da ninhada sahem com dentes dos desta ultima raça, e serão acaso os mais proprios para seguir as antas, e até os tigres, depois de descobertos pelos sabujos.

O nome de *cães de fila* declara o seu destino; é só o de *filar* ou aprezar o animal quando já cansado e exausto, em virtude da perseguição dos outros. *Cães de busca* ou *cães d'agua* chamamos os que dizem os francezes *épagneuls*. São os que saltam á agua ou aos brejos para trazer á mão a caça; *paqueiros* denominamos os educados na caça das pacas, e que as perseguem até ás tocas ou á agua, a que se refugiam.

São de ordinario mais pequenos que os veadeiros; e empregam-se com vantagem, principalmente os *pernas-tortas* (*bassets* dos Francezes). Tambem se usam dos *pelludos* (*griffons*) e até, para entrarem pelas tocas (como furões nas dos coelhos), dos cachorros *rateiros*. Talvez se obtivessem bons *paqueiros* de uma raça em que se fizesse cruzar os *bassets* com cães d'agua.

Ha cães d'agua que têm parte de sabujo; a estes denominam em Hespanha *barbas*. Em geral para qualquer caça determinada convirá sempre ensaiar o cruzamento daquellas raças que mais se distingam pelos principaes predicados exigidos para essa mesma caça.

Affirma-nos um amigo que nos nossos sertões ha duas raças de cães, de uma das quaes, chamada em S. Paulo *aracambé*, fazem uso os caipiras em suas caçadas.

Em geral todo o cão de caça servirá melhor o caçador quando não tiver conhecido antes outro dono, e quando elle o tenha criado e educado desde cachorrinho.

Os melhores cachorros são geralmente os filhos de pais reconhecidamente superiores mestres, que tenham cumprido dous annos, bem que, entre meia duzia que pare a cachorra, alguns sabem

com instinctos naturalmente mais apurados que outros, e se escolhem já pela maior altura do focinho e *caixa de ventas*, já pelo tamanho das orelhas, já pela maior docilidade com que se deixam bem levantar pelo pescoço, etc.

Quanto aos signaes dos melhores cachorrinhos, concordamos com Carlos IX, que, impugnando a Fouilloux, cita (cap. XIV) o antigo proverbio :

« Il n'est chasse  
« Que chiens de race. »

Os nossos caipiras dizem que se conhecem em pequenos os melhores, quando tirados do ninheiro; pois esses voltam direitos a elle, e os peiores tonteam, etc.

Desmamados os cachorrinhos aos tres mezes, começa-se a dar-lhes farinha ou fubá em leite, agua e assucar, ou sómente em leite ou em agua de assucar, segundo a barateza destes artigos, e depois se vai passando a outros alimentos vegetaes (variados, para que se acostumem a tudo) que confortem o seu estomago; evitando dar-lhes carne e ossos, para que não contraiam doenças, e para que não saiam duros de boca; entretanto estes ultimos se lhes poderão dar com pão

ou fubá, ou legumes, depois de bem pisados e moidos.

Alguns caçadores preferem as cadellas aos cães, como mais precoces na caça e mais submissas; porém estas vantagens são destruidas pela sua inaptidão para caçar quando estão cobertas.

Não deve o ensino dos cachorros de caça começar antes de terem um anno : as cachorrinhas poderão começar a ensinar-se aos oito mezes : todo esse tempo deve ser aproveitado pelo dono para tê-los presos e sujeitos, e il-os afagando e fazendo que o conheçam, e lhes ganhem carinho, e preparando-os para os trabalhos e a sujeição que deverão ter. A cama se lhes deve ir fazendo pouco a pouco menos branda e molle, até acostuma-los a dormir no chão, e a passar noites ao sereno. O uso de possilgas é mais proprio para os paizes frios, ou para os cães de fila. De dia não se lhes deve consentir que vão, como elles tanto gostam, espojar-se muito ao sol, o que os faz molles e lhes causa doenças. Para forma-los ha que estudar-lhes o genio, como ás crianças os seus pais, afim de os ir educando pela razoavel combinação do medo e amor. Caçador que não fôr paciente e naturalmente bom, nunca sacará um bom cão de caça. Devem preferir-se os que

pareçam mais docéis, e farejem melhor a comida quando, tres vezes por dia, se lhes approxime escondida já n'um, já n'outro sitio. Devem-se levar a passeio a miúdo, conduzi-los ao rio e fazendo entrar nelle, atirando-lhe um pedaço de alimento de que sejam mais gulosos: castiga-los brandamente; mas não perdoar-lhes sempre que procurem a vossa cama, ou que comam o que se lhes não tenha dado. Cão bem affeçoado a seu dono jámais se deixará roubar, e voltará a casa, ainda quando se extravie; por isso acostuma-lo a passear e ser cuidado por um só: por vós ou por algum escravo ou criado de confiança. Os cães que não vão soltos senão nas caçadas tem a esta muito mais affeição que os que vão para a rua quando querem. Evitar quanto possivel a casual união dos sexos, para que o não saborêem muito, e não ganhem vicio, quando não convém que conheçam mais prazeres que os da caça.

O systema de ensino mais facil é levar o cachorro ao campo com um bom cão já feito. Desde que, v. g., um cachorro perdigueiro vê cair uma perdiz parada pelo mestre e ser por este trazida ao dono, já se póde contar que está em bom caminho. Cumpre só guia-lo com avisos e castigos moderados, para que recorra e registre o ter-

reno; para que o não faça senão com mesura, e sem levantar a caça correndo absurdamente ou ladrando quando ella se levanta; para que não desobedeça ao caçador nem se afaste delle muito, etc., e para que entenda os signaes de andar para a direita e esquerda; e finalmente para que se deite aos pés do caçador emquanto carrega.

Em pequenos, podem ter começado a aprender a trazer a mão uma péla que se lhes atire. Se a não encontram logo, guiam-se, lançando-se pedras perto do sitio em que ella cahiu. Cuidado em os não aborrecer neste ensino, sendo muito exigente a que desde logo vos entreguem a péla na mão, em vez de a depositarem a vosso lado, etc.

Um máu atirador difficilmente educará bem um perdigueiro, porque o que mais estimula a este no principio é o ver que depois do tiro cahe a caça; assim melhor será não disparar quando não haja toda a probabilidade de matar. Se não vos encontráis com paciencia ou saber para ensina-lo bem, confiai-o a um bom caçador; mas então elle vos deverá acompanhar, quando o dér por ensinado, as primeiras vezes que caçardes. O mesmo deveis exigir quando tiverdes de comprar um perdigueiro ensinado. Mas neste

caso devereis attender á idade, que se conhece pelos dentes gastos e sujos, pois, como os cães não vivem mais de 12 a 15 annos não fôra succeder que comprasseis cão só para vir morrer em vossas mãos.

Pelo que toca á alimentação, cumpre saber que o cão, bem como o homem, é *omnivoro*. Observa-se que os cães que comem só carne, não são tão sadios, nem tão bons caçadores como os que comem os restos e sobras da mesa do dono, incluindo arroz, etc. — Dé-se-lhes agua fresca para beber quanta queiram, e, na força do calor, ajunte-se-lhe, de quando em quando, alguns pós de nitro.

Os perdigueiros quando amestrados podem servir tambem para mostrar os porcos-montezes e outros animaes. No campo param com frequencia não só as perdizes e semelhantes, mas tambem os tatús e os lagartos. Deve evitar-se que tomem estes porque lhes resistem.



---

## CAPITULO VIII

### ALGUNS CONSELHOS AO CAÇADOR NOVEL.

Os principaes dotes que se exigem no caçador, e que mais o recommendam, são a muita calma, toda a circumspecção, razoavel perseverança, e uma illimitada modestia. Prepare-se para não se incomodâr se não acertou algum dia em encontrar ou em matar a caça, nunca trate de fazer prevalecer o seu tiro, e menos ainda com preferencia aos dos mais companheiros; e principalmente, caçando, tenha sempre presente os varios accidentes das caçadas, e o perigo em que se acha ao lado de uma machina de morte, para que se não atordõe, quando tenha de obrar, nem se arrisque imprudentemente a ver disparar a sua arma quando seja occasião. O sangue frio é tão necessario ao caçador, como a todo o que vai á guerra; e sem tal ou qual perseverança nada se

pódeprehender neste mundo, onde um dos proverbios mais triviaes é o sabido :

« Quem porfia mata a caça. »

Para caçar com espingarda deve o caçador novel começar por aprender, antes de tudo, a atirar bem. Quem não fór exímio *atirador* nunca chegará a alcançar a reputação de bom *caçador*, por muito que entenda de caça. Exercite-se, pois, o joven caçador a atirar ao alvo a varias distancias, com bala, e logo com chumbo; e trate depois de atirar aos passaros, tanto pousados como voando. Os taperás e gaviões, que se encontram por toda a parte, e que têm um vôo rapido e variado, prestam-se muito a amestrar o atirador. Estes primeiros exercicios devem ser feitos sem companheiro, para que a lição seja mais proficua, não se envolvendo nella o amor proprio que tantas vezes nos céga, e impede de aprender.

Em geral para o tiro das aves podem estabelecer-se os seguintes preceitos :

Se a ave passa diante de vós para um dos lados, deixai-a seguir um pouco, voltai-vos para esse lado e apontai á cabeça.

Se vem de diante, deixai-a passar para trás, voltai-vos para ella, e apontai-lhe quando a distancia razoavel.

Se vai subindo, segui-a com a espingarda á cara até que se pára um pouco para determinar o vôo, e disparai então.

Se desce, apontai aos pés, descobrindo-a toda por cima da mira; se sóbe, apontai á cabeça; e se vai para diante, ao rabo.

Na vossa espingarda nunca deixareis de ter postos os vossos cinco sentidos, e informai-vos continuamente dos tristes accidentes e mortes que se dão frequentemente entre os caçadores por descuido ou ligeireza.

Ainda estará presente á lembrança de todos o caso do individuo que indo á caça, e querendo colher na rama uma laranja, resolveu apanha-la com o cão da espingarda, e fez disparar esta contra o peito.

Todas as precauções são poucas e os preceitos insufficientes. Eis destes alguns que nos occorrem :

1.º Carregar sempre bem; sem deixar vão entre a carga; pois ficando ar, póde o cano re-bentar e quebrar-vos os queixos.

2.º Nunca engatilhar senão no momento de

apontar, desengatilhando logo que retirardes a arma sem a haver desfechado.

3.º Guardai-vos sempre da boca da vossa arma e das dos demais, ainda quando se julguem descarregadas, e se vos dê disso a certeza.

4.º Nunca ao andar, ou ao saltar algum muro ou valle, vos apoieis sobre a arma.

5.º Enquanto comerdes ou descansardes, preferi deitar vossa arma no chão, e por fórma alguma encostada a uma arvore ou dependurada nella.

6.º Ao atirardes, nunca retirai a arma da cara logo depois de puxar o gatilho, pois a pontaria póde variar por pouco que o tiro se tenha retardado.

7.º Apenas descarregardes um dos canos tratai immediatamente de tornar a carregar.

8.º Atravessando pelo mato cobri os fechos, mettendo-os debaixo do braço, levando a boca baixa para diante, não seja que o cão se arme encontrando algum galho, e se vos dispare um tiro contra o vosso cachorro ou contra algum companheiro. Isto ainda quando a vossa arma tenha descanso de prevenção nos fechos,

9.º Levando a espingarda ao hombro vá a boca bem alta, o que se conseguirá unindo bem o cotovello ao corpo.

10. Ao retirar-vos da caça disparar antes de recolher á casa, e ahi limpar a arma antes de a guardar.

Os principaes preceitos hygienicos a que deve submeter-se o caçador consistem : em não afadigar-se nunca muito, nem aos cães : não se habituar a beber agua, cada vez que veja um arroyo crystallino ; quando muito tomar um bochecho e botar fóra : comer antes que haja para isso appetite excessivo ; fazendo-o com moderação descansadamente e á sombra, e não sentado em sitio humido. Sobre a comida descansar obra de meia hora, com a cabeça coberta e o cachorro ao lado.

Tenha o caçador sempre bem presente estes preceitos que nunca irá mal : mas para os entender melhor, e completar o seu tyrocínio, lhe aconselhamos que só começasse a caçar cada genero de caça em companhia de um amigo de toda a confiança, ou em falta deste, de um *camarada*, reconhecido por bom caçador, e de condição inferior, a quem tratasse de recompensar ou gratificar indirectamente de alguma fórma.

---



---

## CAPITULO IX

### DA CAÇA EM GERAL.

A caça, considerada em toda a sua generalidade, póde ser: 1º, de volateria ou de aves: 2º, de pélo ou de animaes.

A primeira se distingue em ser feita no *campo*, como a *perdiz*; no *brejo*, como os *bicos-rasteiros*, ou no *matto* como os *jacús*.

Fazem-se as caçadas em terrenos montuosos, ou de planicies, ou desiguaes e de quebradas. Nos morros distingue-se o cimo ou cume, a encosta e a falda. Entre os morros se formam os valles que se chamam *canhadas*, quando o seu fundo ou *alceo* baixa suavemente e dá passe a trilhos ou caminhos que communicam a outros valles por *bocainas*, *portos* ou *portellas*, que tambem se chamam *gargantas*, e são os lugares mais baixos das serras onde estas offerecem passagem.

As paragens em que a serra se rebaixa suavemente *selladas*. Os contrafortes, que descem de seu cimo a morrer nos valles, *espigões*. Aos altos das montanhas, que offerecem planicies largas e continuadas, denominamos *chapadas*, e *chapadões* quando mais extensos. As grandes planicies de terrenos seccos chamados pelos geologos *steppes* denominam-se em portuguez *páramos*. Para as de capim ou de grama prefere o nome de *campino*. Os terrenos quer cultivados, quer não, distinguem-se tambem pela planta que nelles abunda: assim nos sitios denominados — Jeribatibas, Ubatubas, haverá principalmente *jeribás*, e *ubás*. da mesma fórma que nos cannaviaes e cafezaes haverá *cannas* e *cafezeiros*.

Os indios até davão aos districtos os nomes *da caça* que nelles mais abundava, e dahi proveio o nome de Guaratiba. E o certo é que a caça que nasce em um districto, não o abandona senão quando é muito acossada; pois até com as aves de arribação se nota que, emigrando para buscar a latitude e calma que lhes convém, fazem-no buscando os proprios sitios onde no anno anterior estiveram.

As quadras do anno são todas proprias para

caçar, exceptuando unicamente a da cria, para aquelles animaes ou aves que não criam mais que uma vez no anno, o que varia segundo as provincias.

Em todos paizes da Europa é bastante rigorosa a legislação ácerca dos mezes defesos ou vedados, que são quatro ou cinco no principio do verão. E assim succedia em Portugal, segundo rezava o liv. 5º, tit. 8º das Ordenações Philippinas, nesta parte inapplicaveis ao Brazil: onde não ha a tal respeito legislação alguma, quando vemos que não ha em o nosso codigo penal nem sequer a mais leve multa contra os infractores. O regimento do Monteiro-mór de 20 de Março de 1625, o alvará de 1612 para se não atirar no ar, e a lei de 1624 para se não atirar ás perdizes com munição, nem se desmancharem os ninhos dellas, são para hoje ridiculos. Resta pois o Alv. de 1 de Julho de 1776.

A deficiencia de legislação a tal respeito cumpre pois que seja supprida pela generosidade de animo e patriotismo dos caçadores razoaveis, não caçando em certos mezes em que a consciencia lhes diga se deveria vedar, pois até para auxiliar a lei, a caça é doentia ou

menos saborosa durante esses mezes. Em nenhuma paragem do Brazil lhes faltará outros animaes ou aves, em que saciem as suas inclinações venatorias.

Quanto aos dias mais a proposito para caçar, devem elles ser escolhidos segundo melhor convenham ao caçador e aos cães; com raras excepções, a caça não se esconde mais porque esteja melhor ou peor dia, mais ou menos calor, etc. O essencial é ir procura-la onde é mais natural que, em virtude do máo tempo, ella se haja recolhido. E o proprio caçador o decidirá por si, segundo o dia que faça, em que paragens se acharia elle melhor. Se faz muito vento, não hão de encontrar-se, v. g., perdizes nas encostas por elle mais açoutadas, porém sim nas oppostas ou nas canhadas e barrancos e córregos abrigados.

A caça de penna ou de volateria é muitas vezes denunciada por alguma ave de rapina que está pairando sem cessar a prumo de certa paragem immediata; e a de pêlo, principalmente quando descansando (e mui nomeadamente os veados), por uma nuvem de mosquitos fixa, v. g., sobre uma certa mouta ou reboleira de matto, etc. Se o tempo é secco e quente, bus-

car a caça perto dos banhados, ou nas vertentes sombrias que no Brazil chamamos *noruegas*. Se choveu muito, procura-la nos terrenos seccos, etc.

O caçador pois escolherá os dias que mais lhe convenham, e confiamos que não terá a extravagancia de buscar os de temporal desfeito. Um pouco de aragem é essencial para que o cheiro da caça dê no focinho do cão: tambem é essencial, para que este fareje bem, que as folhas não estejam mui rociadas da chuva ou do orvalho e geadas.

A linha de marcha ou direcção que cumpre ao caçador seguir será a diametralmente oposta ao vento; ou, por outra, deve marchar peitavento como diziam os velhos caçadores; não só para que a caça ouça menos o ruido e passos d'elle caçador, como para que o cheiro da caça venha dar melhor nas ventas do cão. Conhece-se facilmente o rumo d'onde vem o vento pelo simples meio de molhar um dèdo na boca e expô-lo em pé ao vento, que arrefecerá primeiro o lado d'onde soprar. Tambem se conhece o vento pelo simples meio de atirar ao ar um punhado de pó secco ou de palha muinha, etc.

Attenda-se porém que junto ás encostas e nos barrancos ás vezes sopram ventos descontraídos em virtude dos embates ou *rebojos*. Esta regra tem poucas excepções. Se a caça principiar muito cedo, ha que preferir começar pelos lugares banhados pelos primeiros raios do sol. Tambem quando andem perto trabalhadores, em roças etc., ha que buscar a caça do lado opposto a elles. Igualmente se não devem buscar districtos batidos poucos dias antes por caçadores.

Porém mais uteis que todos os preceitos a tal respeito poderão ser ao caçador as informações dos praticos ou *caqueanos* do districto em que se projecta effectuar a caçada. Isto muito principalmente pelo que respeita ás caças de pelo, — ás antas, veados, pacas, porcos etc.

Assim aconselharíamos aos proprios caçadores estrangeiros, amestrados em seus paizes, mas noviços no nosso, que tomassem tambem para si o conselho que dá Carlos IX de França aos caçadores noveis: de não irem no primeiro anno a caçar senão em companhia de bons veadores praticos.



---

## CAPITULO X

### DA CAÇA DAS AVES EM PARTICULAR.

#### § 1.º

##### **Das perdizes.**

A perdiz, e não a aguia, é, para os caçadores, a rainha das aves, — a primeira caça de penna. Habita nos campos e nelles busca o seu pasto e corre mais do que vda. Apesar de ser grande, no chão mal é divisada pelo caçador sobretudo pouco exercitado, não só por ser escura e confundir-se com a terra, como porque sabe ella esconder-se, e mal se caçaria, sem o auxilio do poderoso instincto e industria dos *cães de mostra* chamados por antonomasia *perdigueiros* ou de perdizes. Estes cães, bem ensinados e bem guiados, não só buscam pela piogada as perdizes nas suas ameijoadas, como ao

chegar perto dellas *amarram*, isto é, param e olham para o caçador como *mostrando-as*, até que, preparado o caçador, de arma no gatilho, culatra já assente no hombro, e boca no cano baixa sobre o lado esquerdo, o manda avançar e espanta-las, para lhes atirar no vôo. Porquanto de azas abertas offerecem um alvo triplo em tamanho, e por conseguinte quasi seguro de se lhes acertar, se o caçador tem a necessaria calma para apontar bem, e se não aturde com a bulha que fazem com o bater asazas quando se levantam, pela aproximação de seus perseguidores, ou não teme de que, por demorar alguns segundos mais, vão a ficar-lhe fóra do alcance do fuzil; quando pelo contrario convém á justeza do tiro, e á economia da ave (para que não caia feita pedaços) que ganhe certa distancia.

Em geral a caça da perdiz deve, como toda a outra que se executa com cães de mostra, ser feita peitavento. Dado o tiro, deve o caçador carregar immediatamente, e enquanto carrega tenha o perdigueiro deitado a seus pés, para que descanse, e para que não levante inutilmente caça.

De ordinario andam aos pares, de modo que, ao levantar-se uma, ha que procurar perto

a companheira, e geralmente é o macho o ultimo a levantar-se.

Na Europa, ou antes em Portugal, não era muito antigo o uso de atirar á perdiz no vôo, e com toda a segurança foi ahí conhecido já depois de colonizado o Brazil. E julgou-se a principio tão efficaz e mortifero que um alvará de 1612 prohibiu esta maneira de caçar atirando no vôo; e não sendo isso bastante foi promulgada a lei de 23 de Fevereiro de 1624 prohibindo o caçar com munição (de chumbo) porque « *de alguns annos a esta parte se introduziu de novo (\*) a invenção de atirar no ar ás perdizes com que está quasi de todo acabada a criação dellas.* »

Quando as perdizes são novas, apanham-se facilmente a corso; pois no terceiro vôo estão cansadas e se deixam facilmente agarrar.

## § 2.º

### **De outras aves semelhantes ás perdizes.**

As regras geraes que demos para a caça das aves e quanto dissemos mais em particular

---

(\*) *De novo* quer dizer novamente, *noviter*, desde pouco.

sobre a caça das perdizes, podem servir ao caçador para se guiar na caça de outras aves, até certo ponto analogas, tanto do campo, como do matto.

No campo ha as *cadornas*, que são como grandes codornizes.

Os perdigueiros as amarram com a cabeça mais baixa e porte menos orgulhoso do que quando topam uma perdiz.

No Rio-Grande do Sul os militares no campo costumam apanhar muitas cadornas de um modo mui estranho.

Ao verem alguma no chão, quando vão a cavallo, passam logo a cerca-la em roda, e em circulos concentricos a vão apertando até que a obrigam a refugiar-se a alguma mouta, ou como elles dizem a *amoitar-se*. É em quanto a cadorna ahi escondida se cre a abrigo da perseguição, elles se approximam da mouta, a ponto de ás vezes ahi a degollarem com a propria espada.

Nos paizes mais fechados encontram-se os macucos, nambús, orús, juús e capoeiras.

Os macucos andam nos mattos cerrados, mas preferem dormir nas arvores; e se dão de ordinario a conhecer nellas por tres notas agudas que soltam apenas ahi acabam de fixar-se ao

anoitecer. E então não ha mais que ir ahi espera-los de madrugada para lhes atirar quando amanhece. Ha caçadores que attrahem a si os macucos por certo modo de apitar, como na Europa se faz com as codornizes.

Porém a ave, para que mais serve o reclamo entre nós, é a capoeira. Primeiro convoca-a o caçador para perto por meio de um reclamo de chamada, cujas notas são de tom mais baixo ou grosso; e quando ella já responde de perto, muda para o reclamo amoroso que se faz de ordinario de um coquinho furado, e dá notas mais agudas. As capoeiras andam ás vezes em grande numero, e podem considerar-se as aves que entre nós mais se assemelham ás perdizes maiores, mas são mais raras, e tambem se attrahem por meio do reclamo. Só o uso poderá ensinar as notas proprias para taes reclamos. As juós têm a carne arroxada como os macucos, mas são ainda mais raras que elles.

### § 3.º

#### **Dos jacús, motuns, etc.**

Se a perdiz é para o caçador de aves a rainha dos campos, os jacús são os reis das ar-

vores dos nossos mattos : são para o europeu os nossos faisans, e para os americanos do norte os nossos perús selvagens.

Admittem os caçadores tres especies conhecidas pelos nomes de jacuaçú, jacutinga, e e jacupema; mas não falta quem pretenda que alguma destas especies não o seja, e que a variação nas pennas só provenha do sexo.

Os jacús buscam no inverno as terras quentes, não só para fugir ao frio, como para terem que comer, visto que o não encontrariam nas terras frias.

São caça mui esquiva e difficil, excepto quando levantados do chão pelos cachorros, pois neste caso, se vão para uma arvore proxima, continuando-lhes o cão a ladrar, distrahidos com elle, descuidam o caçador, e se lhe descobrem.

Denunciam-se os jacús ou pelo seu piar fino como os perús quando pequenos, e que bem se póde imitar por meio de um apito cortado na boca a modo de trombeta. Ás vezes ainda melhor se denunciam ao caçador pela tolhe-dura ou esterco, semelhante ao das gallinhas, que deixam debaixo das arvores onde passam a noite. Tambem se descobrem pela existencia

de varias especies de fructinhos que elles preferem para comer (alguma das quaes por isso mesmo se denomina fructa de jacú) e a falta desses fructos que de uns dias para outros se póde notar nas arvores, descobrindo a presença nella da mesma ave.

De ordinario passam a noite em alguma arvore das mais altas e tupidas que ha na vizinhança da dos fructinhos de que se alimenta, e aonde se transfere hui de madrugada a comer.

O melhor modo de caça-los é por espera debaixo destas arvores desde antes de amanhecer, e atirar-lhes ao vulto, apenas a ellas descem. Caçadores, ha porém que os procuram mesmo de noite nas dormidas, atirando-lhes nos proprios poleiros em que estão, pelo auxilio do luar ou mesmo de algum archote. Quando ha ventanias as dormidas têm lugar nas grotas mais abrigadas, e a tolhedura no pé da arvore descobre a existencia dellas.

Os jacús domesticam-se com difficuldade; mas obtem-se em gallinheiro por meio de ovos, fazendo-os tirar por uma gallinha ou em machina.

Os mutuns (*mutuns* lhes chamam os Indios) podem para o caçador considerar-se como uma nova especie de jacú; mas são já raros, e não

deve promover-se a sua caça. Ha delles duas especies, uns negros e outros pintados: a estes chamam *pinima*. No Pará ainda ha muitos.

Os perús e as gallinhas de Angola poderão vir entre nós a tornar-se selvagens e constituir dous bellissimos objectos para caçadas de aves. Sabe-se que nos Estados-Unidos os perús selvagens constituem uma caça importante. Qualquer proprietario de algum sitio pouco povoado, está no caso de prestar este serviço ao paiz, deixando abandonados a si proprios um ou dous casaes destas aves.

#### § 4.º

#### **Des pombos, pombas e rôlas.**

Tanto dos pombos, como das pombas e das rôlas ha no Brazil varias especies, e como todas se parecem, não nos occuparemos de traçar a raia de umas ás outras, não só pelos habitos para o caçador, como pelas fórmas para os ornithologos: e aqui as contemplaremos todas de uma vez.

E' caça de que não vale a pena entreter-se o caçador, senão quando ella vai aos bandos. Se as

vê pousar no chão ou as descobre de longe em uma arvore, aproxima-se sorrateiramente, com a espingarda no gatilho; e apenas se levantam, atira ao bando. Tambem se caçam *de espera* a centenaes por dia, com uma *chamariz* ou *negaça* que deve ser cega, atada pelo pé com uma corda de guitarra (que é forte e apenas se vê), sobre uma haste ou *alcandora* no cimo de uma arvore secca ou que se desfolha junto da mesma chamariz, para que esta seja melhor vista das que passam, e para que quando estas pousam, ao vê-la, o façam um pouco distante; afim de que aos tiros não fique exposta a dita chamariz.

O caçador se esconde em um *giráo* feito em outra arvore a uns 18 ou 20 passos distante, cobrindo de ramagem o escondrijo se a arvore é bem tapada. Em lugar de pôr a chamariz em arvore, se pôde pô-la sobre o chão, no extremo de uma canna ou vara, que chegue ao lugar ou choça em que o caçador se esconda. Ao passar o bando, levanta a vara, e a pomba ou rôla adeja, e parecendo ás de cima que acaba de pousar, ali pousam tambem ao lado della.

Então se tiverdes disposto perto, em uma

correnteza que possais enfiar com o tiro, do sitio em que estiverdes, um rastilho de sementes, das que as aves que esperais mais gostam, vê-las-heis logo em linha engodadas a comer, e de um só tiro podereis matar uma duzia, sem expôr a chamariz, que deve estar atada em sitio que não lhe possa chegar o chumbo.

Tambem se caçam muitas esperando-as junto aos bebedouros que frequentam, pois não vão a outros, principalmente nos tempos em que não chove; porém nestes sitios são principalmente victimas das redes de tomo.

### § 5.º

#### **Dos papagaios e periquitos.**

Ao lado das pombas e rôlas, devemos fallar dos papagaios e periquitos, pela circumstancia de andarem tambem em grandes bandos, e pousarem quando, sobre as arvores, se lhes apresenta a *negaça* ou *chamariz*.

Não fallaremos aqui das muitas especies que temos destas aves psittacinas e de bico adunco: todos conhecem os maitacos, maracanás, as coricas, os ajerús, bem como as amarellas,

jurujubas ou arajubas, e não nos occupamos aqui de ornithologia, nem de colleccionar especies novas para os muséos da Europa, senão do agradável passatempo de caça. Do proprio sabor da carne nos absteremos de tratar, pois não é *no prato* que mais se recommendam os papagaios. Os papagaios passam em grandes bandos, sobretudo quando ameaça a tormenta, mas então vão mui altos, e não descem facilmente, pois nem vêem o chamariz. Caçam-se nas dormidas, nas arvores em que ao anoitecer, com grande ruído, pousam, afim de ahi ameijoar.

Os periquitos, principalmente da especie maitaca, são muito gostosos, caçam-se principalmente nas laranjeiras, esperando-se quando se acham muitos em linha para aproveitar melhor o tiro, e matar muitos de uma vez.

## § 6.º

### **Das aves aquaticas e do brejo.**

De patos e marrecas ha tambem no Brazil muitas especies junto ás lagôas, e aos rios, principalmente onde remanseam. Em geral ca-

çam-se principalmente pelas manhãs, quando com o engodo de comer, se apresentam menos ariscos. Andam ás vezss aos pares, e tambem em bandos. Para esta caça é necessario ter bons cães d'agua, dos que os francezes chamam *épayneuls*, ou de uns cruzados destes que em Hespanha dizem *barbas*.

A melhor maneira de caçar algumas especies é levar consigo um casal de patos ou gansos domesticos sófregos d'agua, deita-los nos sitios em que estão os outros; pois attrahidos pelo ruido dos que entram de novo se approximam delles e se lhes atira, procurando sempre não lhes apontar sobre o peito, pois o chumbo resvala na sua plumagem cerrada, espessa e luzidia. Se atirardes a um bando, e o cão de busca vos trazer alguma ave das que fizestes cahir, não vos fieis seja a unica, mandai segunda e terceira vez, etc.

Se a lagóa é de pouco fundo, e tal que no sitio escolhido dá a agua a um homem pelo pescoço, em vez de gastar polvora, podem se apanhar á mão certas outras especies de patos pelo artificioso meio de cobrir-se a cabeça com uma panella, bexiga ou cabaça semelhante a outras cheias de ar, e tapadas her-

meticamente, que precedentemente se hajam deitado e feito boiar durante dias na' lagôa em que andam os patos, de modo que elles se hajam familiarisado com a sua vista. Então o caçador mettido n'agua, com a cabeça coberta com um de taes turbantes, em que haja apenas um ou dous buraquinhos por onde possa ver, vai de vagarinho metter-se entre os patos, apanha-os pelos pés, fa-los mergulhar, e debaixo d'agua lhes vai torcendo o pescço para que não se espantem os outros.

Esta maneira de caçar é, além de mui divertida, a mais economica de quantas se conhecem, e' preferivel ás de todas as armadilhas que tambem nesta caça se empregam. Outra caça mui divertida é a que se faz de noite com uma luz de reverbero, que engana os patos, que se chegam a ella, e se lhes atira, sendo muitos caçadores, cada qual a um.

Neste lugar contemplaremos tambem as colhereiras, admiradas pela sua bella côr e pelo seu bico em fórma de colhér. A estas se atira de ordinario no ar, quando passam emigrando em grandes bandos.

## § 7.º

**Das gallinhas, frangãos d'agua e outros ribeirinhos de bicos rasteiros ou narcejas.**

Em geral as aves ribeirinhas são ariscas e escapam-se muito dos caçadores, pelo que têm entre elles poucos affeicionados. Além dos juncos em que se escondem, tambem o fazem mettendo-se entre pedras e mergulhando n'agua, principalmênte quando feridas. Não é divertida senão com cães, mas não bons perdigueiros, pois se deitam a perder. Em vez de silencio requer antes muito ruido. Às vezes ao fugir dos cães param com medo, e se deixam por elles apanhar. Convém que para esta caça o caçador se previna de botas d'agua impermeaveis, pois de outro modo se enfadará breve de ter de metter-se pelos lodaçoes, e sitios paludosos, para não deixar de atirar á caça que se lhe apresenta.

A caça de brejo mais procurada entre nós é a dos *bicos rasteiros*, que são com pouca differença as *narcejas* da Europa, em Pernambuco

denominadas *agachadeiras*. Vêm de arribação no inverno, e no Rio de Janeiro se caçam principalmente em Junho, para as bandas de Suruhy e campos do Guandú e Itaguahy. E' das caças que costuma ter mais apaixonados.

## § 8.º

### Das garças.

Pediríamos paz para as especies destas elegantes aves, que fôrem perseguidoras dos bichos e das cobras, como fizemos ácerca da cegonha tuyuyú, se não tivessemos quasi a certeza de que não seriam escutados os nossos votos.

Algumas destas aves são mui buscadas só para aproveitar dellas umas pennas que se arrancam; pois nem carne, nem nada mais se aproveita.

Na India, onde os reis e rajás ornavam os seus turbantes com as pennas, chamadas *martinetes*, de certos grou, era grande crime mata-los.

Cremos com effeito que para esse unico fim de arrancar as pennas é uma crueldade matar a ave, que se vai exterminando, como já está quasi extincta em varios paizes da Europa, que melhos é usar para ella de laços e armadilhas, ou de duar

varas envidradas postas em aspa, em que se apanhe viva, e se torne a soltar depois de arrancadas essas pennas, que naturalmente crescerão de novo, e fica no paiz o capital productivo.

Tambem se podem apanhar as garças por meio de certos caparões que se collocam nos brejos em que ellas andam, com isca dentro e certo visco nas bordas, de modo que estas fiquem agarradas ao pescoço quando mettam a cabeça para comer a isca que está dentro.

Em todo caso, deve o caçador ter muito cuidado quando se approxima desta ave emquanto viva, e com a cabeça descoberta para lançar-lhe a mão; pois o seu bico é uma arma offensiva tremenda, e com elle costuma lançar-se á cara e ás vezes aos olhos. A pessoa que me respeitava muito de perto lançou-se certa vez uma que estava ferida, de modo que lhe cortou o nariz.

O systema de matar as garças póde comparar-se ao dos que cortam o coqueiro para apanhar o cacho, ou ao do que matasse um cordeiro só com o fim de lhe aproveitar a lã. Cremos pois que tambem poderiam as camaras municipaes pôr muitas aos que as matassem, a menos que não se houvessem antes para isso munido ( por uma

certa quantia para gastos do municipio ) de uma licença, quando se propuzessem a empalha-las para gabinetes e muséos, etc.

### § 9.º

#### **Dos guarás, tocanos, etc.**

• Outro tanto não diremos dos guarás, cuja plumagem vermelha se aproveita inteiramente; entretanto é certo que elles vão desaparecendo com as armas de fogo, apesar de estar o nosso paiz ainda tão pouco povoado, o que nos deve fazer prevenir meios de evitar que venham a desaparecer completamente. Um destes meios poderia ser o de não se consentir em todo o Brazil a sua caça, sem vir *nominalmente* o caçador munido de uma licença que se lhe fizesse pagar, *v. g.*, por vinte mil réis.

Os guarás, á maneira dos patos, passam por metamorphoses de côr; em pequenos são pardos, seguem a escuro, e por fim a vermelhos. São sociaveis, e no sul do Brazil só chegam de verão, quando vêm também os tocanos. Nas praias collocam-se em filas, e ha quem creia que têm sen-

tinellas: o certo é que são mui ariscos e custosos de matar; e quando sendo assim, já são tão raros, póde crer-se que nenhum existira se fossem doces como ticos.

Dos tocanos, pavões, araçaris, etc., nada dizemos porque são caça arisca, e que poucas vezes se apresenta a geito aos caçadores.

### § 10.º

#### Das emas.

Guardamos para o ultimo lugar a maior das nossas aves, porque para a sua caça não se necessita mais do que o instincto natural a quem a ella se dedique. Convém que seja feita a cavallo, e a cavallo póde ser perseguida a galope, quando os gozos a levantem, e principalmente os galgos a persigam. Melhor do que a tiro se deve fazer esta caça com *bola*, arma muito usada no Rio-Grande do Sul, em que as emas se derribam, atirando-lhe ás pernas a mesma bola quando vão fugindo.



---

## CAPITULO XI

### DA CAÇA DOS ANIMAES.

A caça de pello se póde effectuar de tres modos: 1º, por simples *tucayas* ou esperas feitas por uma ou duas pessoas sem cães; 2º, por meio de batidas com cães ou sem elles, de um rumo para outro; 3º, por meio de monterias ou cercos feitos a um tempo a uma grande extensão, que se vai apertando, até reduzir toda a caça que nella se acha a um districto menor, no qual se procede á batida, para a encaminhar ás esperas em que estão postados os caçadores.

As *tucayas* simples são muito aborrecidas, pois se reduzem a collocar-se uma pessoa á mercê da vontade do animal, isto é, da hora, geralmente da noite, em que elle quer passar. É melhor que o caçador faça a espera de modo que a peça venha

a elle *com vento*, para que o não pressinta. É o recurso dos lavradores pobres em sitios mui retirados, para apanharem alguns porcos do matto, veados ou pacas, que lhe destroem as sementeiras. Deve o caçador preferir, quando possível, alguém sitio em que tenha alguma arvore a que se possa trepar, se a caça ferida se voltar contra elle.

Para as caçadas de batidas devem reunir-se dous ou tres caçadores, com outros tantos bate-dores que, com a ajuda dos cães, fazem levantar a caça do lado opposto áquelle em que se postam e a esperam os caçadores, e convém que esse lado seja escolhido de modo que a caça perseguida deva fugir de rabavento.

As caçadas de grandes monterias não são muito usadas entre nós, não tanto pela difficuldade de se reunir muita gente nos terrenos abundantes de caça, que são os menos povoados, como porque são quasi impossiveis com os mattos virgens, pelo que apenas podem ter lugar nos campos, capoeiras e terras de catingas. Quando se effectuam, os caçadores que se postam no ataque devem observar as mesmas regras que os que estão nas esperas das batidas, que se reduzem ás seguintes:

1.º O caçador deve aceitar obediente o lugar

de espera que lhe fôr destinado pelo chefe da caçada.

2.º Deve saber bem onde fica o seu vizinho da direita e da esquerda, para evitar o disparar nessa direcção.

3.º Portanto, uma vez collocado, não deve mover-se do seu posto, sem ser para isso avisado; para não se expôr a levar um tiro quando o julguem no seu posto verdadeiro. E isto deve observar ainda quando consiga matar ou ferir alguma rez que junto lhe tenha passado.

4.º Não deve dar gritos nem fallar.

5.º Deve estar álferta, sempre prevenido e por conseguinte não deitado, nem a fumar etc.

6.º Não deve guardar junto a si nenhum cão.

7.º Deve preferir atirar á caça para trás ou de lado; isto é, depois de ella ter passado, pois o tiro é mais certo, e ha menos risco de ir dar em algum dos batedôres ou em algum cão, inclusivamente pelo *recochetar* do chumbo dando, *v. g.*, n'uma pedra, como succedeu á rainha avó do Sr. D. João VI, que atirando em Salvaterra a uma lebre, desviaram-se da direcção alguns grãos de tiro, que foram dar na cara a el-rei D. José, seu esposo.

8.º Nunca deve estar desarmado : e se tiver disparado os dous tiros, enquanto não carrega deve ter á mão a faca de matto.

Os batedores devem seguir quanto possivel á vista uns dos outros, e não longe dos cães, para os ir guiando. Quando os cães entram no rasto da caça e a sentem perto, se alegram, e começam a latir de certo modo que os nosos caçadores dizem *mentir*. Os caçadores então tratam de os assomar, ou *astumar*, como dizem.

### § 1.º

#### **Das antas.**

A anta é, como sabemos, o animal indigena do Brazil de maior corpulencia, e preza-se muito a caçada deste animal, que aliás não é bom de comer, menos por aproveitar o seu espesso couro que pelas emoções e divertimento que a caçada proporciona. A Europa não tem nenhuma caçada que no mais minimo se assemelhe a esta.

As antas preferem habitar de dia nos sitios sombrios de mattos vizinhos a rios ou corregos, de que bebam e em que se banhem, e de capins com que se alimentem. De ordinario andam juntas

acosaladas, macho e fema : e só constando a sua existencia em um lugar é que se procede á caçada della. Essa existencia é manifesta sem demora á gente vizinha, pelas picadas que abre o animal pelo matto, e principalmente pela grande e enorme pista que deixam suas patas cartilagosas, com quatro unhas nos pés dianteiros, e tres nos traseiros.

Resolvida uma caçada de anta, e bem estudados por um bom batedor do matto os rastos, passam os caçadores de manhã cedo ao local, e se distribuem pelas tucayas ou esperas, isto é, pelas paragens de suas picadas costumadas, que ella terá instinctivamente de tomar, quando acosada pelos cães. Logo são estes, ainda em trellas, levados pelos batedores ao sitio d'onde deve começar a batida, e os mettem no rasto desajoujados.

Sendo o terreno de morro, a batida faz-se do cimo destes para os valles, e os caçadores devem ter todo o cuidado de se desviar de diante do caminho da anta, pois vai com tal força que com a tromba derriba arvores e rompe grossos taquaruçús, para o que vai fazendo grande ruido.

A anta prefere, como o veado, refugiar-se na

agua, da perseguição dos cachorros, e escolhe nos corregos os poços ou fundões em que pôde mergulhar. Quando ahi cahe, havendo cachorros em numero sufficiente para cerca-la, esteja-se descansado que dahi não torna a sahir, senão por vontade dos caçadores, que se podem estar com ella divertindo, antes de a rematarem de todo com um tiro de bala pelas orelhas ou um pouco atrás, onde o couro é menos grosso do que no resto do corpo. Os tapuyas do Pará para matar a anta necessitam hervar as settas com o *curaby*. Alguns caçadores aproveitam desta occasião para se ensaiarem a atirar ao alvo, apontando aos olhos do animal, e atormentando-o ás vezes de um modo cruel, e que chega até não poucas vezes a ser barbaro. Em todo caso ao atirar é necessario muito cuidado com os cães que estão á roda ladrando, pois se corre o risco de matar algum. Querendo-se a anta viva, nada mais facil do que laça-la, quando ella se acha assim empoçada, e prendê-la depois pelos pés e mãos, seja para a domesticar, seja para solta-la para outra nova caçada, em que se levará a certeza de *levantar-se* caça.

O melhor tiro de morte na anta deve ser di-

rigido como dissemos logo atrás da orelha; sendo de chumbo nem entra no resto do corpo. Com bala tambem morre a anta acertando-lhe no sovaco dianteiro logo detrás da pá.

E tal na anta a grossura do couro, que fez pelos Europeos applicar a este animal, que os indios (e ainda hoje a zoologia) chamam *Tapir*, o nome que elles tinham para o bufalo, de que tiravão as suas grossas couras ou couraças, ás quaes pudéram tambem applicar a pelle do animal americano.

Se ha poucos cachorros seguindo a anta, ou se ella não encontra sahida, ás vezes senta-se ou acúa fazendo-lhes frente, e não poucas vezes os destroça.

De noite ás vezes sahem as antas de seus escondrijos dos mattos e pastam nos campos vizinhos, e ahi ás vezes as surprende a luz do dia antes de regressarem a seus mattos, ou capões. Na provincia do Rio de Janeiro ha bastantes no que chamam Serra-Acima; —nessa orla de morros antes de chegar á borda do campo, e a que bem applicado ficaria o nome de *Suissa Brasileira*. Entre nós applicam-se á caçada das antas os mesmos cães veadeiros ou sabujos que se applicam aos veados; exercitando-os tambem ás antas. Poder-se-hia

talvez ensaiar o uso dos libréos desde que a caça fosse descoberta pelos veadeiros, pois antes disso não teriam fardo bastante para descobri-la pelo rasto. As caçadas de anta offereceriam então mais variedade, mas seriam mais perigosas e os cães correriam grande risco de ficarem estrangulados. Os cães, apenas dão no rasto, começam a *mentir*. Então é necessario que os caçadores tratem de assoma-los com gritos. Os cães só ladram forte e seguido, quando já se acham perseguindo devéras a caça ou á frente della se a fizeram *acuar*, isto é, fazer-lhes pé atrás.

Depois de escripto este livro teve o autor occasião de assistir perto de Petropolis no dia 13 de Abril (1860), (no arroio da Cidade, pouco adiante da fazenda chamada do Inglez) a uma caçada de anta, a que foi convidado por seu amigo o Dr. J., grande afeiçãoado da caça, e mui desejoso de que ella se nobilite entre nós no conceito publico mais do que está.

A existencia de duas antas no local era conhecida; mas de vespera foi verificar o seu rasto um grande caçador, monteiro pratico do local, que igualmente dispóz para a manhã seguinte

a sua matilha de excellentes veadeiros, e um escravo seu, batedor e mateiro de lei.

Eramos cinco os companheiros da caçada, e montámos a cavallo ás 6 1/2 da manhã. O Dr. J. se encarregára de brindar-nos com um excellente almoço, que foi servido em um pouso perto do correjo na paragem em que se planisára a caçada.

Chegados a esse pouso separou-se de nós a pé o nosso monteiro, com o seu escravo e outro batedor do matto, levando os cães para os soltar no rasto da anta, ficando de nos dar aviso por meio de um ou dous tiros se ella se havia encaminhado para o lado do correjo, se para o valle opposto; pois só no primeiro caso haveria para nós a caçada commoda, que se dá quando a anta corrida pelos cães se refugia no correjo a um poço a que está avezada.

Entretanto fomos almoçando, e de tal modo que caçador houve que declarou que já não dava por mal empregada a jornada, ainda quando não apparecesse anta.

Por fim se ouviram pouco distinctamente os tiros desejados. O nosso monteiro havia desatrellado os cães na bocaina de uma pequena serra vizinha, no rasto de um casal de antas. Acossadas pelos cães separou-se uma da outra,

cada qual para seu valle ou canhada, e os bate-dores preferiram encaminhar os cães contra a que devia ir parar no poço. Era a femea. Apenas a tiveram empoçada começaram a dar os tiros.

Montámos a cavallo e nos lançámos a correr para o sitio onde se nos chamava : — seguramente obra de meia legua daquelle em que havíamos almoçado. Não tardou muito que, pelo forte ladrar dos cachorros, conhecessemos que a anta se achava na agua cercada por elles, e desde então a nossa curiosidade se augmentou, e não parámos de galopar.

Chegámos perto do poço ; mas não era facil descer a cavallo junto delle. Apeámo-nos, atámos os animaes a umas arvores, e começámos a descer a ribanceira, rompendo matto com auxilio de nossos facões.

Chegámos primeiro tres á margem do poço em que se achava o animal nadando n'agua. Era uma anta das grandes, mas figurava ser muito maior, como sempre succede quando estão n'agua. Os cabellos pareciam retesados e eriçados. A féra, ao ver-nos com as nossas espingardas, fixou os olhos sobre nós, como que se horrorizou : franziu a tromba, mostrou os dentes e resfolgou. Nem que visse em algum de nós tres o que dentro de

dous minutos havia de ser o seu fero carrasco. — A impressão que me fez esta scena me ficará para sempre presente ; e lamentei muito que a não tivessem presenciado os outros dous companheiros, um dos quaes, amigo de fazer o contrario do que vé fazer aos outros, tem pago mais de uma vez caro este instincto innovador.

Com a nossa chegada calaram um pouco os cães, e como que se afastaram della, para que lhe atirássemos. Insistiu o Dr. J. que tocassem ao autor as honras do primeiro tiro, o que não admittiu, quando a caçada se fizera por gente da terra por obsequial-o, e o autor só ali se achava por favor delle Dr. J. Do tempo que levaram estes comprimentos e do afastamento dos cães se aproveitou a anta para seguir pelo corrego acima, a procurar outro poço.

Vimo-la seguir: e os cães começaram a ladrar de novo um pouco ; mas de repente cessaram. Confesso que cheguei a julgar que a anta se nos havia ido, e já cá por dentro maldizia as ceremonias que eram disso causa. Subimos pela margem com difficuldade e rompendo matto, e em ancias porque já não ouviamos mais o latido dos cães.

A final alcançámos a margem do poço supe-

rior. Havia um grande fundão e os cães estavam parados em redor d'elle olhando para a agua. Era a anta que ahí estava mergulhada.

Pulámos de contentes, e adquirimos então muita confiança no nosso monteiro pratico, que no meio do nosso desacoroçoamento nunca deixou de assegurar-nos que ella não se nos havia fugido. Entretanto o susto que havíamos passado de a haver perdido fez pôr de parte as ceremonias. O Dr. J. apenas vio a anta com a cabeça de fóra d'agua, e que se achava perfeitamente collocado sobre um rochedo junto, descarregou nella os dous canos de sua espingarda, dando a carga do primeiro tiro de raspão na cabeça, e entrando toda a do segundo, feito á queima-roupa com bala e chumbo, dous dedos por detrás da orelha, com que a rez curvou a cabeça, e se foi morrendo na praia, sangrando muito, e exhalando uma catinga enjoativa.

Logo se começou a operação do esfolamento. Cortaram-se as quatro patas ou mocotós, que se distribuiram pelos caçadores como trophéo de caçada. As patas dianteiras são preferidas por terem quatro unhas, quando as traseiras só têm tres. Contentou-se o autor com um filhinho que se encontrou no ventre já perfeitamente formado, e o

guarda em espirito de vinho. — Os cachorros tiveram porém o melhor quinhão, pois comeram todas as fôrças e lamberam não pouco sangue quente da victima, que ainda a lugares se via morrer pelas contracções musculares.

O cacho, cuja gordura dizem mui propria para fomentações, em dôres rheumaticas, e o lombo cuja carne é menos aspera, seriam talvez depois aproveitados pelos batedores; e provavelmente toda a carne seria tambem comida, depois de haver estado de molho no correjo vinte e quatro horas, com o que dizem que fica branca e sem catinga e não dá lepra a quem a come. Que proveito lhes fizesse.

## § 2.º

### **Das pacas.**

A caçada das pacas é a que tem mais affeições na maior parte das provincias do Brazil. É divertida, nada perigosa, e muito expedita; visto que o animal apenas seguido dos cães só tem uma corrida — ou para a toca, ou para o rio. Além disso recompensa as fadigas do caçador com um bom regalo na sua mesa, regalo superior por

certo, quando a caça está gorda, ao melhor leitão, para os que sabem fazer—lhe tirar umas glandulas catinguentas que tem nas coxas e no lombo.

Faz-se nos sitios onde é conhecida a sua existencia, levando-se podengos já educados neste serviço. É possível que ainda o tempo e os ensaios de cruzamentos de algumas raças pequenas e corredoras, venham a dar alguma nova raça de superiores *paqueiros* : por emquanto os que se tem por melhores são como dissemos os de pernas torcidas para fóra, analogos a uns que os Francezes chamam *bassets*; porém ha outros de raças distinctas que tambem provam bem nesta caça se a ella se destinaram.

A paca caça-se ou nas tocas, ou em *tucayas* ou esperas, que se fazem nos aceiros e caminhos, ou nos rios. Estas esperas tambem se podem fazer nas proprias tocas, uma vez conhecidas, quando se sabe que a paca não está dentro, pois perseguida pelos cães ahi tem de vir a parar, e tapando á toca as bocas todas, o caçador lhe atira emquanto ella a busca, no intento de procurar entrar. Se a paca se refugiou á toca, e está dentro della, a espera é feita nas bocas da mesma toca, forçando-se a fazê-la sahir, já com algum ca-

chorrinho mais pequeno que se mette dentro, á guisa de furão com o coelho, já com o metter-lhe fumaça bastante dentro da toca, já com o auxilio de uma enxada, com que se vai cavando. Enquanto se está nesta operação é necessario guardar bem as bocas todas, ou mesmo tapar algumas tomando muito sentido, pois a paca costuma *espirrar* com força de dentro quando menos se espera, e algumas vezes se escapa ao tiro, aliás não facil de dar-se, quando nas bocas da toca ha varios caçadores.

A persistencia da paca dentro da toca é reconhecida não só pelo ladrar dos cachorros, como pelo modo como ronca de quando em quando. Se a toca é em morro, a paca busca de ordinario para escapar-se uma das bocas della mais inferiores, e é nessa que convém pôr maior vigilancia, sem contudo descuidar as outras, ou antes a outra, pois além de duas, para que a ventilação tenha lugar todas as demais se devem tapar.

Ás vezes a paca teima em não sahir; e então é necessario ir-se cavando até dar com ella, matando-a com a faca do matto, ou apanhando-a viva, operação aliás mui difficil, não só porque o animal tem muita força, pelo que ás vezes se escapa, como porque os cães apenas o des-

cobrem lhe saltam em cima e o ferem, e lhe arrancam pedaços de pelle. A melhor maneira em todo o caso de o segurar, quando é possível fazê-lo, consiste em o agarrar a um tempo pelos pés e pela cabeça, pondo o pé sobre esta, até que se lhe possa atar o focinho bem apertado, para não morder.

Neste caso não é pequeno o trabalho que ha que ter com os cães para os segurar ou apartar da paca apanhada. Mas o melhor modo de evitar que fuja, é resignar-se a não querer apanha-la viva.

Às vezes a paca, em lugar de buscar a toca, busca algum brejo ou rio ou corrego vizinho, e neste mergulha ou passa ao lado opposto, ou se esconde pelas margens. Se a agua está bem transparente, vê-se onde ella está; se está turva, estéja-se á espreita para lhe atirar apenas ella saltar em terra, o que é menos seguro; por isso alguns preferem não sahir á caçada de pacas depois das chuvas que turvam os correjos. Talvez que os cães *barbas* hespanhóes, ou de alguma outra raça atravessada com os *cães d'agua*, fossem apropriados a perseguir a paca na agua ou no brejo.

A caça da paca, por meio de esperas nos aceiros ou caminhos, é a mais incerta e geralmente enfadonha. Além de que, a paca perseguida não é tão constante como o veado a seguir o caminho

que conhece, e vara ás vezes por outros, se a isso a obrigam os cachorros. Em todo o caso cumpre que o caçador collocado em tucaya, em aceiro ou caminho, esteja bem álerta, pois o animal espirra ás vezes, sem se ouvir antes, quando atravessa terreno humido: só quando deve atravessar capim, um tanto resequido, é que se ouve um pouco antes o restolhar d'elle.

### § 3.º

#### **Das capivaras.**

A capivara é tambem amphibia, como a anta e a paca; porém é caça nada procurada, porque não offerêce interessse algum. Nem se utiliza a sua carne, nem a sua pelle, nem a caçada dá emoções ao caçador. A capivara é um animal estúpido, e as mais das vezes, ainda quando ferida, se lança á agua e se afunda de modo que é difficil obtê-la; pois ao cão de busca seria talvez impossivel de trazer á mão um animal de tão pesada carga.

Ha-as de duas espécies: umas amarelladas, outras acinzentadas. Encontram-se ao nascer e pôr do sol, nos capinzaes á margem dos rios onde vai pastar; e o nome parece não dizer em

lingua guarany outra cousa senão *capinzeira*. Abundam muito nos rios Paraná, Parahyba e S. Francisco; andam acasaladas com dous ou mais filhinhos. Melhor se lhes atira seguindo pelo rio em canôa. No Alto-Paraná são ás vezes tão estupidas que errando-se-lhes o tiro se deixam ficar sem mover-se, esperando que de novo se lhes atire.

Dizem que a carne da capivara, como a da anta, produz mal de pelle. A catinga que tem é em verdade nauseabunda; cremos porém que se poderia ensaiar com vantagem o obter deste animal presuntos tão bons como os de urso, tendo os pernis trinta dias em sal, e pondo-os depois ao fumeiro.

As capivaras, apanhadas em pequenas, domesticam-se facilmente, e em casa comem de tudo que se lhes dá. Por experiencia o sabe o autor que teve em sua casa duas pequenas vivas.

#### § 4.º

#### **Dos veados.** ©

Os veados no Brazil são ou *campeiros* ou *catigueiros* ou do *matto*. Os primeiros, que se encon-

tam só nos campos, principalmente no Rio-Grande do Sul, são galheiros : os segundos, que frequentam as *catíngas*, têm a côr parda, e em vez de galhos simples hasteas curtas : os ultimos estão inteiramente desarmados, nem que a natureza os criasse já de proposito para poderem atravessar impunes pelos emmaranhados mattos dos tropicos. São estes os nossos cabritos monteizes, e a sua caçada se faz por modo analogo á destes animaes na Europa, e os cozinheiros os preparam da mesma fórma.

Para levantar e perseguir os veados têm os nossos caçadores uns cães que chamam *veadeiros*, e que o são, mais pela educação que receberam que pela pureza de raça, que em todo o caso se approxima da dos sabujos européos. Cremos comtudo que para os veados, principalmente *campeiros*, deviamos introduzir o uso de grandes galgos ensinados de proposito.

Não seria possivel a um homem quer a pé, quer a cavallo, seguir a carreira do veado ; pelo que a sua caçada é feita sempre collocando-se os caçadores nas *tucayas* ou ciladas, onde é sabido que o veado costuma passar. E é tão constante o veado em passar, quando perseguido, só pelos lugares que já conhece, que sobre isso se conta o caso seguinte.

Era a nossa primeira Imperatriz, que Deos Haja, mãe do Sr. D. Pedro II, que hoje felizmente impéra, muito affeiçãoada a caçar, e não deixava de atirar bem. Fallando com ella uma vez o seu veador Tedim a respeito da caça do veado, e observando-lhe ella a timidez do animal, pelo que não era facil alcança-lo perto, respondeu Tedim que tudo dependia dos cães e dos batedores; e que elle se offerencia a preparar-lhe uma caçada, em que o veado lhe havia de entrar pela barraca dentro. Effectivamente aprazou-se o dia, e Tedim que conhecia bem o districto venatorio onde preparava a caçada, nas vizinhanças de Jacarépáguá, mandou armar uma barraca no sitio que era justamente a unica sahida que tinha certo veado que ali havia, quando perseguido pelos cães dos lados oppostos. Armou-se no meio da barraca a competente mesa de ramagem para se almoçar, e, a titulo de se buscar melhor a ventilação, deixou-se aberto o fundo da barraca opposto á entrada. Estava S.M. acabando de almoçar, quando os latidos da cachorrada mui perto deram signal do veado; e mal tomava a Augusta Archiduzes a espingarda, quando viu com surpresa o veado entrar-lhe pela barraca, e saltando por cima da mesa, e quebrando copos e pratos, varar

pelo fundo da mesma barraca, onde logo adiante veio a cair morto pelo tiro que lhe dirigiu a filha dos Cesares.

Para os veados galheiros têm alguns caçadores querido aconselhar o uso do laço; mas o certo é que um veado perseguido pelos cães não dá bem tempo a se tomar o balanço ao laço. A *bola* é entretanto empregada ás vezes com vantagem.

\* A caça do veado é enfadonha quando se reduz simplesmente á espera nas tucayas ou ciladas. Quando ha rios perto, é mais certa e divertida, visto que o veado perseguido pelos cães tambem se refugia na agua, e ahí se lhe atira bem, ou se laça ou finalmente se apanha com uma rede. Tambem se apanham bem nos rios caudaes, quando, sobrevindo a estes grandes cheias, e alagando as ilhas em que elles andavam pastando, se vêem obrigados a atravessar a nado para a terra firme, como tambem referiremos a respeito das onças, quando dellas tratarmos mais adiante.

Navegando os grandes rios, taes como o Amazonas e o Paraná, vêem-se frequentes vezes casos semelhantes.

Nos campos em que os veados estão acostumados ás vaccadas, conseguem os caçadores approximar-se delles muito, á sombra de um boi man-

so, que fazem andar com ajuda de um cabresto de crina, que passe pelos chifres apertando-lhe uma das orelhas. Neste caso o caçador não deve assomar a cabeça por fóra do boi, senão quando já o veado não esteja de orelhas levantadas, o que é signal que está á escuta e desconfiado.

Na Europa se empregavam em outro tempo bois *fantásticos* ou pintados, que faziam se mover sobre rodas; e entre nós não falta quem use do artil de se approximar dos veados, com um pequeno coqueiro palmito, ou outra arvore que se leva em ar de chapéo de sol, e que se firma no chão servindo até para apoiar a espingarda no acto de atirar.

Os veados podiam-se propagar por meio de *coutadas*; fazendo estas em grandes cercas ou tapadas, ou em ilhas distantes da terra. Esta practica seria ao paiz muito mais util do que a de ter um pateo de bichos. Se algum dos nossos grandes proprietarios quizesse destinar a uma semelhante tapada alguns contos de réis, poderia introduzir nella, não só os veados do paiz, como os da Europa e até algumas especies do genero *Cervus* da Africa e Asia.

## § 3.º

**Dos porcos do matto.**

Os porcos do matto são no Brazil de tres espécies, *queixadas*, *canellas-ruivas* e *caitetús*. Estes são os mais gostosos, e por isso os mais procurados. Abundam principalmente perto das fazendas no tempo da madureza do milho, e também buscam os mandiocaes e inhamaes, assaltando-os de noite, e regressando de dia ás suas grotas ou escondrijos nas canhadas e valles.

Reconhecida a sua existencia, e o lugar em que vêem comer e caminho que seguem, podem caçar-se sem cachorros esperando-se de noite, attendendo-se a que o vento não corra do lugar da espera ou tucaya para aquelle d'onde elles devêm vir. A espera convém que seja feita de sobre arvores, pois como são os porcos de vista baixa não vos verão facilmente. Se vierem muitos juntos atirai primeiro aos maiores; e se ferirdes a rez não deveis correr logo a apersegui-la; mas sim esperar as outras que possam vir de trás, que a ferida, se o ficou devéras, não se vos escapará e pelo rasto a encontrareis de dia.—E com isto vos

poupareis tambem de receber alguma dentada da rez ferida que contra vós acue.

Tambem, sobretudo em sitios arenosos depois de ter chovido, se podem procurar seguindo-lhes a pista até o escondrijo em que se hajam refugiado, e onde ás vezes são até encontrâdosa dormir. — Se a caça se vos levanta antes de lhe haverdes atirado, não a persigais: esperai um pouco, e segui-a de novo pela pista, que a achareis perto.

Porém a verdadeira caçada dos porcos do matto, para os que gostam de suas emoções arriscadas, deve ser feita com os sabujos e libréos legitimos, como na Europa a dos javalis. Postos os cachorros no rasto, elles não faltam a vos mostrar onde se foi metter a piára, ás vezes no interior de grotas no meio de densas mattas. E' pois caçada ás vezes incommoda e fatigosa, que se deve emprender vestido de roupa forte, e sempre de faca de matto á cinta, e nos terrenos pouco conhecidos só com a bussola na algibeira.

Se os porcos são *caitetés*, não ha risco que vos façam resistencia. De ordinario mettem-se em uma grota, e á força de fumaça ou de algum ramo de pindoba com que se espicaceam dentro, vão espirrando um a um, e outro caçador os va

derrubando á sahida da grota. — Se fôrem porém *queixadas*, o mais natural será que, quando mui perseguidos, acuem, e vos batam os dentes, ameaçando de vos atacar e aos vossos cães. Este bater de dentes só por si é medonho, e faz no matto grande estridor. Se são muitos, e tendes arvore perto, não tardeis a subir a ella; e dahi os ireis derrubando. Não faz falta a arvore se houver um rochedo ou simples tóco, pois não sobem. Se não ha este refugio, sendo elles muitos, é perigoso atirar, e occasião haverá que mais prudente será retirar-vos, chamaudo de longe, até com um tiro, os vossos cães, que expôrdes-vos a ser victima de tão temiveis inimigos.

Os *canellas-ruivas* tambem ás vezes acuem, voltando-se contra os cães e os caçadores.

Uma caçada se póde fazer de porcos sem risco algum, e mui divertida, dando-se azo para isso. Se v. g. se nota que muitos entram em um milharal por certa bocaina, arma-se nella uma especie de ratoeira semelhante aos covos afunilados dos giquis, com que se apanha o peixe; ou antes semelhantes ás proprias ratoeiras de arames. Faz-se do lado do milharal um grande cercado ou curral fechado, e deixa-se para fóra uma especie de boqueirão afunilado com estacas

pontagudas, mas taes que cedam um pouco á entrada dos porcos. Estes vão entrando e ficando na ratoeira, e tão estupidamente que um fazendeiro nos contou que em uma noite haviam assim cahido quarenta e quatro porcos. — Assim presos estes, os caçadores não têm mais que fazer que pôrem-se de fóra da cerca e exercitarem-se ao alvo sem perigo algum: se é que não queiram deixar alguns casaes na cerca convertendo-a em chiqueiro para a propagação da especie, ou lançar alguns para os enviar vivos a outra parte para ensaiar algum cruzamento, etc.

Os queixadas são de ordinario pretos com listras brancas no queixo inferior. Os outros são ruivacentos.

Cumpre advertir o caçador que geralmente nos sitios em que abundam os porcos do matto andam onças. São para estas o melhor pasto, e assaltam em geral o desgraçado, que, por se demorar atrás, foçando, se aparta da piára ou vara dos outros, que em tal caso não lhe podem acudir como fazem sempre que podem. Por esta mesma razão em caçada de porcos não se devem os caçadores derramar sózinhos pelo matto.

## § 6.º

**Das cotias.**

A caça da cotia não é prezada por emquanto no Brazil, e é quasi exclusivamente exercida pelos caipiras ou matutos, e caboclos. Perseguida pelos cães, faz rodeios, mas não foge para muito longe da toca onde entra apenas póde. — Quando alcançada pelos cães ou pelo caçador, defende-se mordendo com os seus dentes agudos.

Pelos morros abaixo corre mal e é facilmente alcançada.

Nas terras de campos com bons cães de lebre<sup>s</sup> ensinados a esta caça poderia ella vir a ser mui divertida fazendo-se a cavallo, ao modo como se correm as lebres na Europa, sem armas de fogo, e quasi exclusivamente a chicote.

Porém como dissemos, por emquanto é caça que não tem muito partido.

## § 7.º

**Das raposas e semelhantes.**

Por enquanto as caçadas dos animaes vulpinos, tão saboreadas em Inglaterra. e já por imitação, no proprio continente europeu, nas cidades em que se tem installado *jokey-clubs* ou associações de caçadores elegantes, essas caçadas, dizemos, não são mui frequentes no Brazil, se exceptuarmos a provincia de Pernambuco, onde principalmente a fomenta a illustre familia Sá e Albuquerque, maxime o actual chefe dessa familia, 1º barão dos Guararapes, que esta paixão herdou de seu pai o finado Lourenço de Sá e Albuquerque, o qual ainda depois de velho não deixava de entregar a este divertimento muitas horas vagas.

E o certo é que esta caça, que se faz sem perigos nem grandes incommodos, é uma das que no Brazil mais revertem a favor da lavoura, em virtude dos prejuizos que a ella causam as varias especies de animaes vulpinos, conhecidas com os

nomes de *raposas*, *guaxinins*, *cachorros do matto*, etc.

Deve entender-se que este ultimo nome applicado a certos animaes ruivaços, que os indios denominavam *Jaguarapiranga*, nada tem que ver com os cachorros fugidos e *chimarrões*, que abundam nas campinas do Sul, e dos quaes nos occuparemos, depois de tratar da caça das onças.

A caçada das raposas faz-se a corso, seguindo os caçadores os cães que as perseguem, ou esperando-as, quando ellas perseguidas atravessam os caminhos e aceiros, e atirando-lhes então. E caçadores ha tão destros que mesmo na carreira a cavallo lhes atiram com acerto.

Pelo systema inglez em taes caçadas o prazer principal se reduz a correrem os caçadores a cavallo de trás dos cachorros que seguem a raposa que levantam, ou que elles mesmos soltam no campo aos cães, para terem o pretexto de effectuar taes carreiras, pela direcção em que os leva a raposa em sua fuga. — Como os cães são mais fortes e valentes, acabam por alcançar a raposa, e a palma pertence ao caçador que primeiro acudiu a salva-la dos dentes dos mesmos cães; pois a graça é que ella se apanhe viva, para

servir de pretexto á nova caçada, ou para melhor dizer á nova corrida a cavallo.

Os *gambás* e *sarigües* não são objecto de caça no Brazil. Alguns cães rateiros os apanham; porém, já que são tão damninhos, a melhor guerra que se lhes pôde fazer é armar-lhes mondéos, attra-hindo-os a elles com algum passaro, ou com aguardente de que são muito apaixonados, segundo é sabido.

### § 8.º

#### **Dos monos, macacos e bogios.**

Por nosso voto nenhuns quadrimanos constituiriam objecto de caça, a menos que houvesse motivos para se receiar delles por seus ataques á gente ou á lavoura. Conta-se que no rio Gabão, em Africa, ha uma especie que é quasi tão terrivel para os habitantes como os ursos no Norte; e em algumas das nossas provincias tambem ha monos, de que se contam historias.

Mas não seremos nós quem dará preceitos para esta caça, quando protestámos não commetter mais *simicidio*, desde os escrupulos que nos accomet-

teram em certa occasião em que, ferindo na arvore um bogio, o ouvimos logo lamentar-se e quasi que reprehender a nossa crueldade, quando pondo a mão na ferida, olhava para ella ensanguentada, e logo para nós.

Reconhecemos que ha alguns caçadores que prezam a caça dos *guigós* ou bogios ruivos barbados, e a dos *juruparás*, talvez pela novidade de ser feita de noite. Porém para semelhantes bichos preferimos tambem o uso dos mondéos, ou antes o mais divertido das cumbucas de milho, a não ser contra alguns mais velhacos, e que se não deixem apanhar por taes meios.

O expediente das cumbucas de milho é demasiado conhecido para carecer aqui de muita explicação. Todos sabem que a origem do nosso proverbio vulgar *fulano não mette a mão em cumbuca* (applicado a individuo que não se mette em negocio de que póde ficarmal) proveio da toleima com que o macaco, mettendo a mão em certa vasilha de bocal estreito (e presa ao solo) cheia de milho, se deixa ahi prender, quando enchendo dentro a mão de milho, e engrossando esta, não póde sair pelo bocal em que coube vazia; de modo que o sofrego macaco, não se lembrando de tornar a soltar o milho para poder retirar a

mão vazia, fica ahí preso até que chegam os que lhe armaram a ratoeira.

### § 9.º

#### **Dos tatús, lagartos, tartarugas, jabutis, etc.**

As vezes os cães perdigueiros, em lugar de perdiz ou de cadorna, seguem no rasto a um tatú ou lagarto; e o caçador sem o pensar encontra diante de si um destes animaes. Se o caçador já é experimentado, conhece-o logo, por certas carreirinhas e repentinas paradas de seu fiel companheiro.

O tatú ou se deixa apanhar encolhido na concha, ou se póde alcançar a toca entra nella; e ahí se trata de o apanhar, cavando com a enxada ou esgaravatando-a, etc.

Os lagartos muitas vezes acuam, e travam com o perdigueiro um combate digno de ver-se, pois atacam com a boca, e logo depois se voltam e dão chicotada com a cauda, e assim successivamente até que succumbem, ou que intervem o caçador, com qual-quer páo. Cuidado não servir-se

para isso da espingarda, pois dando com o cano se poderia este torcer, e batendo com a coronha se vos poderia disparar a arma.

As tartarugas e jabutis se apanham de ordinario pelo simples meio de correr sobre ellas, e volta-las de pernas para o ar, sobre suas couraças, com um páo servindo de alavanca. — Quando estão n'agua, se lhes atira á cabeça; mas ha muito risco de que afundem, e seja impossivel havel-as á mão; pois não ha cão d'agua que possa com tal peso.

## § 10.º

### **Dos tigres e onças, e dos cachorros baguás chimarrões.**

Reservamos para o fim a nossa caça verdadeiramente medonha; a caça das onças e dos tigres é mais perigosa que a dos leões e dos ursos. O urso é moroso na ferocidade, o leão nobre em meio de sua bravura, ao passo que o tigre salta com agilidade e vos dá traiçoeiramente o bote por onde acaso o não esperais. Além disso o dictador dos bosques americanos apresenta ao atirador um

alvo muito menor de que o rei dos desertos da Africa ou o senhor das serranias e neves da Europa.

Entretanto é a caça dos tigres e onças a que, a par da das cobras, mais se devia estimular entre nós por meio de todo o genero de recompensas, inclusivamente pecuniarias. Não falta quem assegure que a Inglaterra, para hoje se ver desinçada de lobos, pagou não pouco; e que matador de lobo houve que conseguiu fazer quinhetas libras esterlinas. Infelizmente porém entre nós este exemplo se não imita. Os leitores terão conhecimento de um pobre fazendeiro de Goyaz que em 1857 requereu ao corpo legislativo a isenção de certo tributo no seu gado, pelo serviço de haver morto nada menos que 196 onças, o que justificava com documentos das autoridades da provincia.

E ainda não há muito que uma folha da capital deu noticia em um brilhante (\*) artigo de outro typo nacional, tambem rival do celebre matador de leões na Argelia, Julio Gerard : do Paulista

---

(\*) Folhetim do *Diario do Rio de Janeiro*, de 15 de Abril de 1860, pelo Sr. H. M.—Esta noticia nos chegou á mão justamente quando entrava no prélo este livrinho.

Ignacio Corrêa, caçador de onças em Pirapóra, que pôr quarenta e seis vezes, na idade de 42 annos, havia com a sua espingarda ordinaria de Braga e o seu cão, sahido incolume vencedor na tremenda luta, que, por sua propria vocação, foi destemido buscar no meio dos bosques.

A' caça de onças não deve arriscar-se quem não tenha já experimentado a propria coragem em occasiões apuradas, ficando seguro de que não trepidará ou desmaiará em presença da morte. O ser valente e o conservar sangue frio no momento do perigo não depende da nossa vontade: é instincto do animo. O que de nós depende é tratar de nos conhecermos antes de nos expôr a desmaiá ante o perigo. Se vos falta o valor; se não o tendes para conter a fera com um simples olhar fito nella, deixai-vos de metter-vos a matador de onças.

Se porém estais seguro de que o valor não vos ha de faltar, posso-vos dar a segurança que no combate a fera cahirá a vossos pés, quer por meio de um tiro feito bem á queima-roupa, quer pela arma branca; se fôrdes munido de uma faca e de uma forquilha; pois com a forquilha encheis as guelas da fera quando vo-las abrir, e depois de assim a terdes assegurada, lhe cahireis com a faca entre as espadoas. Para melhor se defender poderá o ca-

çador de onça levar sempre consigo uma grande pelle de carneiro com lã crescida, a qual no momento do combate usará em fórma de manto, com o que terá a segurança de que a onça saltando de improviso ás costas ou aos braços o não destroçará, arrancando-lhe simplesmente a dita pelle, e dando-lhe tempo a cair sobre ella de frente.

Animar esta caça entre o povo, seria abrir estímulos ao desenvolvimento da coragem e valor dos Brasileiros, que talvez no dia menos pensado pudessem prestar de muito na defesa da patria. O combate de touros foi em outras éras protegido pelos proprios governos em algumas nações, porque se reconheceu que nestas lutas se habituava o povo a encarar de frente o perigo e a ser afouto. O melhor meio de animar esta caça em todo o Brazil seria o de estabelecerem as camaras municipaes preços ás pelles frescas de tigres e onças que se lhes apresentassem, preços mais ou menos elevados segundo fossem os animaes de caça mais ou menos arriscada. Destes preços poderiam ellas indemnisar-se, ao menos em parte, fazendo-as depois vender, curtindo-as primeiro, para não succeder pagar-se mais de um premio pela mesma pelle. Ha opiniões de se não levar cães a

esta caça para não assanhar tanto a fera. Somos de contraria opinião. Sem cães, nem sempre ella será encontrada, e se os cães são em numero é certo que elles contêm a onça ladrando, embora ella lhes faça frente, e occupada com os cães melhor pôde o caçador apontar e atirar a seu salvo.

O caçador de tigre ou onça deve tratar de não ficar nunca desarmado, pois o animal ferido, algumas vezes acúa enfurecido, e cumpre ter novo tiro ou manchil para prompto o rematar. Se tendes que refugiar-vos em uma arvore, que seja sempre de tronco delgado, pois nas grossas trepa melhor o tigre. Um *revolver* de tiros seguidos é grande arma para tal transe.—Nada de fiar na fera emquanto ella respire.

Nos grandes rios, como o S. Francisco e o Paraná, caçam-se muitos tigres na agua, quando vêem as enchentes e alagam as ilhas em que elles se achavam e das quaes se vêem obrigados a refugiar-se para as margens mais elevadas. Ha quem nesta occasião os lace vivos; mas deve haver todo o cuidado; pois tigre tem havido que apoiando-se sobre a corda do laço tem seguido por ella até á canôa, fazendo saltar ás vezes desta á agua os seus proprios laçadores. Lembra-me a

este respeito uma historia que ouvi a um fazendeiro, como succedida na vizinhança d'elle.

Tinham-se feito alguns fojos, e foi um crioulo contar na casa que em um delles havia cahido um veado. Não havia na casa mais que duas moças, que logo sahiram a ver a preza annunciada, levando consigo um chuço ou azagaia, unica arma que tinham á sua disposição. Chegando ao fojo, viram dentro não só o veado, mas um tigre que nesse instante, attrahido pelo veado, acabava de ahí saltar. Atemorisadas de tal vizinho, atirou a mais valente a azagaia com toda a força que podia contra o tigre. Este, com toda a agilidade, livrou-se do golpe, e a azagaia se foi fixar no fundo do fojo. Com tão bom apoio como foi á haste da azagaia trepou o tigre de um salto á beira do fojo, e deitou a fugir, deixando espavoridas as duas moças que só pensaram em dar graças a Deos do perigo de que acabavam de escapar.

No Sul do Brazil ha uma caçada bastante original e que ahí se considera de mais proveito do que a das onças e dos tigres : é a dos cachorros bravos ou *chimarrões*, que á maneira de verdadeiros lobos famintos em que se convertem, se juntam em alcateias para roubarem gados, che-

gando ás vezes a atacar a gente. Crê-se que procedem de mastins ou cães de gado, que abandonados por seus donos ficaram bravos.

O melhor modo de lhes dar caça é por meio de monterias, reunindo-se a gente de varias estancias, preparando-se de antemão fojos em certos lugares. .





---

---

## CAPITULO XII

### DA CURA DOS CÃES MAL FERIDOS E DOENTES.

Rara é a grande caçada da qual não saia algum cão mais ou menos ferido, e é necessario acudir logo, sem o que ficaria o dono sensível em tormentos não menos crueis que o seu fiel e obediente companheiro.

Se a ferida fôr na cabeça e a ruptura não passar ao casco, e se limitar á pelle, lave-se primeiro bem com arnica, rape-se o pélllo perto dos labios da ferida, e se não corre muito sangue unam-se bem com encerado de golpes.

Se corre sangue, ha que unir a ferida com pontos applicando-lhe em cima uma cataplasma de oleo de copalba, que se pôde primeiro fazer espessar ao fogo.—O cão deve ficar á dieta, e

por modo nenhum comer ossos que lhe obriguem a forçar muito os queixaes e a abalar a cabeça toda. — Se não ha sangue e está magoado, lave-se varias vezes ao dia com arnica, e quando se não possa lavar deite-se uma porção dealvaiade diluida em vinagre.

Se houve ruptura no casco limpe-se primeiro bem a ferida tirando fóra os ossinhos partidos e depois faça-se a cura com fios deixando-se na ferida a abertura necessaria para suppurar, como no primeiro caso, purgando-se o cão para maior segurança.

Se ha ferida na garganta, e sahe della muito sangue, o primeiro cuidado deve ser de estancar este, mettendo dentro muitos fios embebidos em copalba, e tendo a principio por algum tempo a mão em cima e depois ligar tudo bem, de modo que não dé volta com o pescoço, e ficar assim durante uns oito dias. Estancado o sangue, e começando a ferida a encarnar, basta que se deixe suppurar com fios até encourar.

As feridas do peito devem ser primeiro bem sondadas com o dedo, e se cahiu sangue na cavidade procurar que caia fóra. Se não, trata-las como a anterior, ficando com a primeira cura ao menos por tres dias.

Nas rupturas da barriga dêem-se os pontos de modo que se apanhem nelles só o couro exterior como outros que tem juntos. Se as tripas sahiram, pôr o cão de barriga para o ar, e fazê-las recolher ao seu lugar, com o maior cuidado, alargando a ruptura se fôr necessario para que entrem com mais segurança de não romper-se. Se tiverem arrefecido, aquecê-las antes dentro das entranhas de um cordeirinho ou outro animal ou ave que se tenha á mão. Depois coser com pontos a ruptura, besuntar os labios desta do sangue do animal recém-morto, pôr-lhe um emplastro de copaiba e obrigar o cão a estar quieto.

Havendo deslocação na perna ou braço, depois segurar bem o cão, ha que tratar primeiro de pôr os ossos em seu lugar, do que deve incumbir-se o caçador de mais tacto, ajudando-se da perna ou braço são, e depois liga-la bem. Se houve ruptura, postos os ossos em seu lugar, se mettem entre talas feitas v. g. de taquara, e se apertam bem, deixando-se algum vão por onde a ferida suppure applicando-lhe fios.

Para a picada de cobra não se reconhece remedio mais efficaç do que a sarjadura imme-

diata a ferro quente. Assando-se os pés com o andar, basta que se lavem com ourina, ou com agua, sal e vinagre. Se tiver entrado algum espinho ou hastilha de madeira, procure tirar-se-lh'a com uma pinça ou tenazinha, ainda quando seja para isso necessario romper um pouco a pelle; pois sangrando se cura breve com oleo de copaiba concentrado.

Afóra os ferimentos, os cães podem adoecer pelas más comidas, má agua, fortes solheiras ou pela contagem de outros enfermos. As muitas hortaliças causam vermes, que se curam com pilulas mercuriaes ou pequenas dóses de polipodio. A muita carne produz mormo, colicas e sarnas. Contra mormo dieta e exercicio's moderados. As colicas, que se manifestam por certa tristeza e arrevezar de tripas, se acóde levando o enfermo ao campo onde elle tem o cuidado de mastigar certas hervas com que se cura. Contra a sarna banhos de fumo com polvora; purgantes de poaya, enxofre e dieta.

---

# SUPPLEMENTO

---

---

## GLOSSARIO DOS TERMOS USUAES DA CAÇA.

—><—

**Aboiz.** Espécie de esparrella.

**Açor.** *Veja Falcocira.*

**Admascado.** Cano — (*moiré*). Diz-se dos que não são lisos, mas sim trabalhados em ondas.

**Albardilha.** Armadilha que antigamente se fazia com fios de arame etc., para apanhar falcões.

**Alcândora.** Poleiro de certas aves.

**Aleto.** *Veja Falcões.*

**Alfaneque.** *Veja Falcões.*

**Altaneria,** ou **Citraria** ou **Falcoaria** era o nome dado á caça feita com falcões.

**Amarrar.** Diz-se de cão no momento que mostra a perdiz.

**Amoitar-se.** Diz-se no Rio-Grande das cordonas que, perseguidas, se escondem em alguma moita.

**Ameijoadá.** Lugares onde se recolhe de noite a caça principalmente de pélo.

**Arapuca.** Armadilha usada no Brazil semelhante á esparrella.

**Astumar.** Diz-se do animar e fazer *assomar* os cães.

**Atrellar.** *Veja Trella.*

**Aracambé.** Nome de certa raça de gozos do sertão.

**Aranhol.** Armadilha de caçar passaros.

**Azagaia.** Chuço ou lança pequena que póde servir para arremessar-se em caso de necessidade.

**Bafari.** *Veja Falcões.*

**Batidas.** São as caçadas que se empregam com batedores, que levantam a caça para o lado em que se postam os caçadores.

**Bocaina.** É o nome mais empregado no Brazil para designar as gargantas que dão passo nas serras, e que em portuguez antigo se chamava *porto* ou *portella*.

**Bodoque.** Arma entre nós conhecida. *Veja p. 34.*

**Boiz.** *Veja Aboiz.*

**Bola.** Armã que se estriba no principio da funda, com a differença que se solta toda, em vez de se fazer disparar o pelouro. É mui usada no Rio-Grande do Sul contra as emas.

**Borni.** *Veja Falcões.*

**Brete.** Armadilha que se faz ás aves com dous páusinhos.

**Caça.** Só damos este nome ao exercicio em que o homem tem que pôr em jogo seus dotes physicos ou intellectuaes para vencer a força,

a agilidade ou a astucia dos irracionaes que deseja apanhar.

**Caça.** Póde ser de penna ou *volateria*, ou de pello.

**Caçada.** O acto de caçarem juntos varios caçadores. Tambem ás vezes se applica este nome á matança feita de muitos animaes ou aves collectivamente, embora por um só caçador.

**Cães d'agua** ou **Cães de busca**: são os que saltam á agua e aos brejos para trazer á mão a caça ahí cahida.

**Cão de fila.** (*Veja Alão* ou *Molosso.*) O que é destinado a *filar* ou agarrar a preza.

**Cadorna.** É nome peculiar do Brazil, que aqui se dá a umas perdizes pequenas pardacentas.

**Caparão.** Era uma especie de carapuça de pellica, com que se cobria a cabeça dos falcões.

**Capsulas fulminantes.** Pequenas carapuças de folha de cobre com mixto fulminante, com que communica o fogo á arma, pelo ouvido.

**Chimarrões.** *Cachorros baguás* se denominam no Rio-Grande os que se acham bravios pelos campos, e que se reúnem em alcateias para dar assaltos com os lobos (pag. 120).

**Chuço.** Especie de lança tosca ou grande azagaia.

**Chumbeiro.** Bolsa de couro, em que se leva o chumbo a tiracol. De ordinario tem ella separação para levar chumbo mais e menos grosso, havendo no bocal um pequeno tubo que serve de medir a carga.

**Chumbo.** Munição em grãos mais ou menos miúdes para a caça.

**Cintado.** Cano—: o que é feito de cintas de ferro (de ordinario de canelões de ferraduras velhas) em espiral.

**Citraria.** *Veja Altaneria e Falcoaria.*

**Curso:** Cães de—: são os corredores; galgos, libréos etc. Caça de—: a que se faz correndo, com cães ou sem elles.

**Costella.** Esparrella conhecida.

**Deceinar** ou **Desainar**. Amansar e domesticar as aves falcoeiras que se destinam á caça.

**Dormidas**. São os sitios em que se recolhem certas aves para passar a noite.

**Embornal**. Bolsa que se leva a tiracol a um lado, para trazer a caça miuda.

**Encastellar**. Diz-se da perdiz, quando se levanta para tomar o vôo seguido.

**Escomilha**. Chumbo de grão minimo.

**Esmerilhão**. *Veja Falcoeira* (ave).

**Esparrella**. Armadilha conhecida de apanhar passaros.

**Espirrar**. Diz-se da paca ou cotia, que em um salto se escapa da toca, onde se foi persegui-la.

**Faca de matto**. *Veja Manchil*.

**Falcoaria**. Tudo que respeitava á antiga caça com falcões.

**Falcoeiras**. Aves—: eram todas as que se empregavam na falcoaria ; gaviões, esmerilhões, açores, ogeas e falcões, propriamente ditos.

**Falcões.** Havia-os de sete especies, conhecidas pelos nomes de nebris, gerifaltes, bafaris, bornís, tagarotes, alfaneques, sacres, e aletos.

**Fojos.** São as covas que se fazem para apañhar certos animaes, como tigres (pag. 120).

**Fulminantes.** *Veja Capsulas.*

**Furão.** Animal conhecido, que na Europa se emprega para perseguir os coelhos nas tocas, e que entre nós se *póde usar* contra as cotias.

**Gavião.** *Veja Falcoeiras* (aves).

**Gerifalte.** *Veja Falcões.*

**Gozo.** Cão— : chama-se a qualquer cão ordinario de raça desconhecida.

**Grotas.** No Brazil se chamam assim os barrancos mais abrigados dos ventos.

**Ichó.** Armadilha de alçapão para caçar as aves do chão e certos animaes.

**Juquiá.** Armadilha empregada no Brazil.

**Lazo.** Podemos considera-lo como arma licita.  
*Veja p. 34.*

**Lazarinas.** Espingardas antigas, de canos mui recommendados, de um Lazaro de Brescia.

**Libréos.** São os cães de raça atravessada de galgos e alões ou cães de fila, que sabem, nos dentes, aos desta ultima especie.

**Malhos.** Correias que levam os cascaveis das aves falcoeirias.

**Manchil** ou **Mangil.** Faca de matto, que se leva á cintura.

**Mastim.** Cão de pastores.

**Mentir.** Diz-se dos cães quando começam a latir, pouco decididamente.

**Molosso.** Especie de cão de fila ou alão.

**Mondéos.** Armadilhas usadas no Brazil para apanhar animaes.

**Monterias.** São as caçadas que se fazem em grandes districtos, cercando-os todos e indo batendo e apertando para o centro ou para um lado.

**Nebris.** *Veja Falcões.*

**Noruegas.** Chamam-se no *Brazil* os paizes montuosos ou lugares frios, onde chega pouco o sol.

**Ogea.** *Veja Falcoeira* (ave).

**Paqueiros.** São uns cães pequenos,—especie de podengos, industriados na caça das pacas.

**Peitavento.** Diz-se que vai o caçador peitavento, quando segue contra o vento.

**Pelludos.** Damos este nome aos cães que os francezes chamam *griffons*.

**Perdigueiros.** Cães—ou *cães de mostra* proprios para a caça das perdizes, são ou *de rasto* ou *ventores*. *Veja pag. 46.*

**Pernas-tortas.** Damos este nome aos podengos, que os francezes chamam *bassets* e são proprios para a caça das pacas.

**Piós.** Correias com que se atavam pelos sancos as aves falcoeiras.

**Podengo.** Cão de pernas pequenas, proprio para a caça das cotias e pacas.

**Polvora.** Como se conhece a melhor. *Vejá pag. 27.*

**Polvorinho.** Utensilio em que se leva a polvora, tendo no bocal a medida da carga, com gradação para mais ou menos. Os melhores são os de chifre.

**Prima.** Nas aves falcoeiras as que não eram machos ou *terços*.

**Rabavento.** Sentido contrario de peitavento.

**Rafeiro.** Cão de gado.

**Ralé.** Era na falcoaria a victima votada á ave falcoeira.

**Rasto.** Cães de —. *Vejá Perdigueiros.*

**Rede.** Artificio conhecido, como as de pescar, com que se apanham aves, e se laçam até animaes na agua.

**Revólver.** É o nome inglez adoptado para as pistolas, que por meio do gyro dos fechos, ou do cano, permitem dar-se varios tiros seguidos, de ordinario cinco ou seis.

**Rol.** Era a negaça, com que se attrahia a ave falcoeira que *sopesava*.

**Sabuços.** São os cães da raça atravessada dos perdigueiros e galgos.

**Sacre.** *Veja Falcões.*

**Sopesar.** Dizia-se da ave falcoeira que fugia com a ralé que apanhava.

**Tagarote.** *Veja Falcões.*

**Terçó.** Os machos das aves falcoeirias.

**Tolhedura.** É o nome polido dado ao esterco das aves.

**Torcido.** Cano— : feito de chapas soldadas e torcidas depois.

**Treinar.** Em falcoaria, era o ensinar da ave falcoeira, na ralé que ella era julgada mais apropriada a caçar.

**Trellas.** As correias ou cordas com que os cães se levam unidos dous a dous.

**Tucaya.** Diz-se no Brazil da espera ou cilada aos animaes.

**Vaqueanos.** Nome dado no sul do Brazil aos individuos praticos do local.

**Veadeiros.** Cães — : os sãbujos e libeões que se destinam á caça dos veados.

**Veda.** Mezes de — : chamam em algumas partes os do anno em que, por ser occasião da cria, é vedada a caça.

**Ventores.** *Veja Perdigueiros.*

**Volateria.** *Veja Caça.*



